



Denise Bernardi

**O PROJETO DE TER FILHOS:
Desafios contemporâneos sob a ótica de homens e
mulheres**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^a. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
janeiro de 2017



Denise Bernardi

**O PROJETO DE TER FILHOS:
Desafios contemporâneos sob a ótica de
homens e mulheres**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Fernanda Travassos-Rodriguez

CCE/PUC-Rio

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Denise Bernardi

Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica pela PUC-PR e em Psicoterapia de Família e Casal pela PUC-Rio. Atua na área clínica com família, casal e criança. Possui interesse nos seguintes temas: conjugalidade, parentalidade, paternidade, psicoterapia de família, psicoterapia de casal, avaliação psicológica e clínica infantil.

Ficha Catalográfica

Bernardi, Denise

O projeto de ter filhos : desafios contemporâneos sob a ótica de homens e mulheres / Denise Bernardi ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2017.

81 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Projeto de ter filhos. 3. Casamento. 4. Parentalidade. 5. Relação conjugal. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À minha orientadora Terezinha Féres-Carneiro, pelas sábias observações ao longo da construção deste trabalho e por ser a minha grande fonte de inspiração e admiração, por seu percurso acadêmico.

À CAPES e à FAPERJ, pelos auxílios concedidos para a realização deste estudo.

À professora Andrea Seixas Magalhães, pela disponibilidade de sempre, e pelas valiosas contribuições no decorrer do desenvolvimento deste trabalho.

À professora Fernanda Travassos-Rodriguez pelas enriquecedoras sugestões oferecidas na Banca de Qualificação.

Aos participantes desta pesquisa, por compartilharem comigo as suas histórias.

Às amigas Jacqueline Victoriense, Kátia Bustamante e Marcelha Vaz que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos professores e funcionários da PUC-Rio.

Aos colegas de Mestrado pela amizade e pelos momentos de descontração.

À Renata Mello, Rebeca Nonato Machado e a toda equipe de pesquisa de Família e Casal da PUC-Rio, coordenada pela professora Terezinha Féres-Carneiro, pela parceria e apoio.

À minha família, pelo constante incentivo.

Ao Jonatan, pelo carinho, cuidado e, em especial, por acreditar em mim.

Resumo

Bernardi, Denise; Féres-Carneiro, Terezinha. **O projeto de ter filhos: desafios contemporâneos sob a ótica de homens e mulheres**. Rio de Janeiro, 2017. 81p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem como objetivo investigar o adiamento do projeto parental. Levando-se em conta o aumento do número de casais que adiam o projeto de ter filhos, ou optam por não tê-los, e a escassez de estudos acerca da configuração de casais sem filhos por opção, foi realizada uma pesquisa qualitativa da qual participaram cinco homens e cinco mulheres de classe média, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com roteiro semi-estruturado. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo. Verificou-se que existe uma influência de ordem social para que o casal conjugal se torne casal parental. Entretanto, o projeto de ter filhos é cada vez mais um projeto que está sendo repensado. Observou-se que a decisão de ter filhos é uma experiência complexa, que envolve inúmeros fatores, o que contribui para o seu adiamento. Nesse contexto, coloca-se a necessidade de os cônjuges negociarem a opção de quando ter filhos. Os dados sugerem que a negociação da parentalidade ocorre geralmente de modo implícito e não verbalizado, sendo favorecida quando estabelecida explicitamente antes do casamento. Constatou-se, contudo, que a decisão acerca deste projeto é marcada por ambivalência e contradição. Observou-se ainda que, na atualidade, os casais que não têm filhos acreditam ter um nível mais elevado de satisfação no relacionamento conjugal. Conclui-se que, apesar de a sociedade atual aceitar com mais naturalidade a opção daqueles que optam por não ter filhos, ainda assim, há uma cobrança muito grande acerca deste projeto, visto que a escolha de não ter filhos interrompe a continuidade geracional.

Palavras-chave

Casal; filhos; adiamento; parentalidade.

Abstract

Bernardi, Denise; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **The project for having children: the perspective for men and women.** Rio de Janeiro, 2017. 81p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work aims to investigate the postponement of the parental project. Considering the increase in the number of couples who delay the project of having children, or choose not to have them, and the scarcity of studies on the configuration of couples who do not have children by choice, a qualitative research was carried out, in which five middle-class men and five middle-class women, members of distinct couples, aged between 33 and 37 years old, took part. The data were obtained through semi-structured interviews. The results were analyzed according to the content analysis method. It was verified that there is a social influence for the conjugal couple to become a parental one. However, the project of having children is increasingly being reconsidered by the couples. It was observed that the decision to have children is a complex experience and involves many factors, which contributes to its putting off. In this context, the negotiation of having children proves necessary for the couple. The data suggest this is an implicit and non-verbal negotiation, yet, it is favored when pre-established before marriage. It was noted, however, that this decision is marked by ambivalence and contradiction. It was also observed that nowadays, couples who do not have children believe they have a higher level of satisfaction in their marital relationship. Therefore, although today's society accepts more naturally the option of those who choose not to have children, there is still a lot of pressure regarding this project, especially because the choice for not to have children interrupts the generational continuity.

Keywords

Couple; children; postponement; parenting.

Sumário

Introdução	08
1. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade	12
1.1 - Método	15
1.2 - Análise e discussão dos resultados	17
1.3 - Considerações finais	29
2. Ter ou não ter filhos? Vicissitudes da conjugalidade contemporânea	32
2.1 - Método	37
2.2 - Análise e discussão dos resultados	39
2.3 - Considerações finais	48
3. Satisfação conjugal e liberdade: percepções de sujeitos casados acerca da ausência de filhos	50
3.1 - Método	55
3.2 - Análise e discussão dos resultados	57
3.3 - Considerações finais	65
Conclusão	67
Referências bibliográficas	70
Anexos	80

Introdução

Nas décadas de 1950 e 1960, ter filhos era considerado normal na vida de todo adulto casado. As normas sociais dispunham que todo casal deveria ter filhos (BADINTER, 2010; DINIZ, 2010). Nesta época, a escolha pela não parentalidade era considerada um comportamento egoísta e muitas vezes avaliado de modo negativo.

Nos anos 1970 e 1980 a decisão de ter filhos passou a ser pautada na busca pela auto-realização. A busca pela plenitude pessoal predispôs os casais fazerem questionamentos que até então não se faziam. Assim, apesar da norma vigente acerca da parentalidade, houve um aumento do número de casais que deliberadamente passaram a escolher não ter filhos (PARK, 2005; BLACKSTONE & STEWART, 2012) ou adiar o projeto parental (UMBERSON, PUDROVSKA, & RECZEK, 2010; LIMA, 2013).

As mudanças ocorridas ao longo do tempo nos conceitos de casamento e conjugalidade, fruto das diversas transformações sociais, culminaram nas configurações da família contemporânea. É nessa família que se observa o aumento do número de casais que adiam o projeto parental ou optam por não ter filhos. O poder de escolha acerca da opção de ter filhos foi se consolidando ao longo dos anos, acompanhando as diversas transformações da família (LIMA, 2013). Na atualidade, ter filhos passou a ser uma opção para os casais, assim como qualquer outra.

Bauman (2004), ao abordar a questão referente aos procedimentos de reprodução assistida, menciona a possibilidade de se escolher ter um filho, do mesmo modo que se adquire um produto por correio. Assim, na atualidade gera-se uma criança no momento em que se julga adequado. O autor compara o projeto parental com uma hipoteca cujas prestações têm valor desconhecido e serão pagas por tempo indefinido. Esse custo parece levar muitos casais a repensarem o projeto de ter um filho, diante de uma previsão de gasto financeiro tão elevado.

Cabe lembrar que durante muito tempo ter filhos não era algo opcional na vida de um casal. Inúmeras transformações sociais, dentre elas, o surgimento da pílula anticoncepcional, a reprodução assistida e as novas configurações familiares permitiram dissociar conjugalidade de parentalidade.

Na contemporaneidade, uma das escolhas mais importantes na vida de um ser humano é a decisão por ter filhos. Esta escolha envolve inúmeros questionamentos que têm sido amplamente investigados por pesquisadores na atualidade (RIOS & GOMES, 2009A; LIMA, 2013; VAILATI, 2016). Nos últimos anos, tem diminuído o número de casais com filhos (IBGE, 2015). Com isso, vários estudos têm se dedicado a compreender os determinantes acerca desta decisão (CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016; SILVA & FRIZZO, 2014).

O aumento do número de casais que adiam o projeto parental ou optam por não ter filhos motivou o desenvolvimento deste estudo. Além disso, o limitado número de pesquisas acerca da parentalidade tardia, na perspectiva do casal, impulsionou a realização deste trabalho que teve como objetivo geral investigar as percepções de sujeitos casados, homens e mulheres, sobre o adiamento do projeto de ter filhos na contemporaneidade.

Constatou-se que existem poucos estudos investigando os motivos que levam homens e mulheres a adiar o projeto parental ou a não ter filhos por escolha. A maior parte dos estudos investiga o adiamento da maternidade. Existem, portanto, poucas pesquisas explorando a percepção masculina acerca do adiamento e o desejo de ser pai (HADLEY & HANLEY, 2011).

O estudo desenvolvido por Park (2005), que analisou os motivos pelos quais homens e mulheres optam por não ter filhos, revelou que as mulheres mostraram maior desinteresse pela maternidade em decorrência da carreira, alegando, além disso, a falta de um "instinto materno". Os homens, por sua vez, indicaram rejeição da paternidade por conta dos sacrifícios, incluindo em especial as despesas financeiras.

Segundo Carmichael e Whittaker (2007), a rotina de pessoas sem filhos é menos conturbada, e marcada por maior autonomia e liberdade. Além disso, sujeitos que não possuem filhos têm mais tempo para se dedicar ao relacionamento conjugal e priorizar seus próprios interesses livres das responsabilidades parentais e das restrições financeiras que uma criança acarreta, sendo deste modo mais satisfeitos em suas relações interpessoais.

A maioria dos jovens adultos crescem com a intenção de se tornar pais, sendo que poucos declaram, desde cedo, que não desejam ter filhos (DYKSTRA & HAGESTAD, 2007). De fato, a sociedade tem a expectativa que todo adulto casado tenha filhos. Ser pai/mãe é considerado, assim, parte normal do curso de

vida das pessoas. Contudo, cresce cada vez mais o número de sujeitos que optam por não ter filhos (IBGE, 2015).

As dificuldades decorrentes do exercício da parentalidade, como o aumento das responsabilidades e dos custos financeiros, têm sido observadas como importantes fatores para o adiamento do projeto de ter filhos ou a opção de não tê-los. Todo recém-nascido, por conta da sua condição humana inicial e da dependência absoluta, requer cuidados de um outro. Assim, tornar-se pai e mãe exige o reposicionamento do casal conjugal. Neste sentido, durante um período, as necessidades do bebê são priorizadas, levando o casal a abrir mão das suas próprias necessidades, o que pode acarretar uma diminuição na satisfação conjugal (MENEZES & LOPES, 2007; HERNANDEZ & HUTZ, 2009).

Profundas transformações são mobilizadas por ocasião da chegada de um bebê, o que pode trazer intenso estresse aos membros do casal. Na atualidade, diferentes estudos acerca da transição da conjugalidade para a parentalidade têm investigado as dificuldades inerentes aos papéis parentais e conjugais a partir da chegada de um bebê (BARBIERO & BAUMKARTEN, 2015; DON & MICKELSON, 2014; TRILLINGSGAARD, BAUCOM & HEYMAN, 2014). Considerando que o nascimento de um bebê traria acentuadas mudanças no relacionamento conjugal, a decisão de ter filhos na atualidade costuma ser marcada por sentimentos ambivalentes.

No âmbito dessas considerações, para essa investigação realizou-se uma pesquisa qualitativa com dez participantes, sendo cinco homens e cinco mulheres dos segmentos médios da população carioca, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos, casados legalmente ou não, há mais de três anos, e sem filhos. Foi utilizado um roteiro semiestruturado em entrevistas individuais com cada sujeito. A partir dos relatos obtidos emergiram seis categorias de análise: *motivos para o adiamento do projeto de ter filhos, motivos para o não adiamento do projeto de ter filhos, ambivalência quanto ao desejo de filho, negociação entre os membros do casal sobre o projeto de filhos, satisfação conjugal de casais sem filhos e sociedade e o projeto de ter filhos.*

Para fins de apresentação dos resultados, essa dissertação foi dividida em três estudos. O primeiro tem como tema central os fatores que influenciam na escolha por ter filhos na atualidade. O segundo estudo tem como foco central discutir sobre o desejo de ter filhos e o processo de negociação acerca do projeto

parental entre os membros do casal. O terceiro estudo busca discutir as percepções de sujeitos casados acerca da ausência de filho.

1. Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade

Resumo

O presente estudo é parte de uma investigação mais ampla sobre o adiamento do projeto parental e tem como objetivo investigar os fatores envolvidos no adiamento do projeto de ter filho na atualidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados cinco homens e cinco mulheres do segmento socioeconômico médio, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos, sem filhos. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Da análise do material emergiram seis categorias de análise. Para atingir os objetivos formulados no presente trabalho, serão discutidas as categorias: *motivos para o adiamento do projeto de ter filhos* e *motivos para o não adiamento do projeto de ter filhos*. Os resultados apontaram que existe uma influência de ordem social para que o casal conjugal se torne casal parental. Contudo, o projeto de ter filhos é cada vez mais um projeto que está sendo repensado. Constatou-se que a decisão de ter filhos é uma experiência complexa que envolve inúmeros fatores.

Palavras-chave: casal, filhos, parentalidade.

Abstract:

The present study is part of a wider investigation into the postponement of the parental project. In this article will be discuss the factors involved in the postponement of the project to have children in actuality. For that, a qualitative research was carried out, in which five men and five women middle-class, members of distinct couples, between 33 and 37 years old, without children. The results were analyzed according to the content analysis method. From the analysis of the material, six categories of analysis emerged: *motives for postponing the project of having children*, *motives for not postponing the project of having children*, *ambivalence about the desire for children*, *negotiation among the members of the couple on the project of children*, *marital satisfaction of couples without children and society and the project of having children*. The results showed that there is a social influence for the married couple to become a parental couple. However, the project of having children is increasingly a project that is being rethought. It has been found that the decision to have children is a complex experience, and involves many factors.

Keywords: couple, children, parenting.

Ao longo da história, a concepção, o desejo de ter filhos e a noção de família sofreram significativas mudanças. Nas décadas de 1950 e 1960, ter filhos era considerado normal na vida de todo adulto casado. As normas sociais

dispunham que todo casal deveria ter filhos (BADINTER, 2010; ROCHA-COUTINHO, 1994). Durante muitos anos, não se cogitava a possibilidade de querer ou não ter filhos. Havia uma pressão muito grande para que todo casal conjugal se tornasse parental, nesse período, a parentalidade não era uma escolha (MALUF, 2012, BARDWICK, 1981).

O surgimento da pílula anticoncepcional nos anos 1960 e a maior eficácia dos métodos contraceptivos, possibilitaram a separação entre a sexualidade e a reprodução contribuindo para maior autonomia das mulheres e possibilitando alterações na concepção do projeto parental. Os avanços tecnológicos tornaram a contracepção segura e eficaz, o que acabou refletindo no número de filhos. Com isso, também se passou a questionar a possibilidade de ter ou não ter filhos. Assim, a preferência histórica por famílias numerosas passou a dar lugar a um reduzido crescimento da população (ROCHA-COUTINHO, 2013; 2015).

Deste modo, o projeto parental que era associado ao vínculo conjugal como destino, pôde tornar-se uma opção. A liberdade de escolha, fruto das diversas transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, em especial, através do movimento feminista, o surgimento da pílula anticoncepcional e a inserção da mulher no mercado de trabalho permitiram o aparecimento de diversas formas de ser família na atualidade. Dentre as novas configurações familiares que se apresentam, observamos um índice elevado de casais que optam por não ter filhos (RIOS & GOMES, 2009; LIMA, 2013; SILVA & FRIZZO, 2014). Este tipo de configuração no Brasil já atingiu o percentual de 20% (IBGE, 2015).

Postergar o projeto parental tem sido uma possibilidade encontrada pelos casais para atender às diversas demandas sociais, pessoais e profissionais da atualidade. O adiamento deste projeto pode estar associado a vários fatores. Dentre eles, o advento das técnicas de reprodução assistida que tem permitido aos casais ter filhos mais tardiamente, o aumento dos anos de estudo – condição necessária para uma melhor colocação no mercado de trabalho – e a demora dos jovens atuais para obter a estabilidade profissional em decorrência da maior competitividade no âmbito laboral, mostram-se como importantes fatores. Ainda, o individualismo, a supervalorização das relações interpessoais, e a diminuição da dependência entre os cônjuges, que tem sido tão observada na atualidade em decorrência da maior valorização dos sujeitos aos seus projetos pessoais e profissionais, têm dificultado a relação a dois e, mais ainda, a perspectiva da vida

a três (FÉRES-CARNEIRO & MAGALHÃES, 2005; TRAVASSOS-RODRIGUEZ & FÉRES-CARNEIRO, 2013).

Observa-se que o casal contemporâneo busca a realização de projetos individuais como prioridade. Somente após a concretização destes, o casal costuma priorizar projetos compartilhados, como o de ter um filho (JABLONSKI, 2010; MATOS & MAGALHÃES, 2014; BORGES, MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2014). Além disso, observa-se que na atualidade os casais buscam uma melhor condição econômica para, somente após, incluir em seus planos o projeto parental (MATOS & MAGALHÃES, 2014; CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016). Desse modo, o anseio do casal contemporâneo por adquirir melhor *status* social e estabilidade financeira, antes de ter filhos, parece ser um importante fator que leva muitos casais a postergar a parentalidade (HANSEN, 2012; POLLMANN-SCHULT, 2014).

Arelado a isso, destaca-se que a inserção da mulher no mercado de trabalho e a atual dificuldade de harmonizar família e trabalho também contribuem para o adiamento do projeto parental (PARK, 2005; ROCHA-COUTINHO, 2013). Cabe mencionar também que, através dos cuidados com os animais de estimação, o casal sem filhos vê a possibilidade de imaginar como seria a relação a dois com a presença de uma criança. Desse modo, as responsabilidades e privações que um animal de estimação impõe aos seus cuidadores são observadas como um possível ensaio para a futura parentalidade (WALSH, 2009; GIUMELLI & SANTOS, 2016).

O adiamento do projeto de ter filhos também pode estar relacionado à falta de uma rede de apoio que auxilie o casal nos cuidados inerentes à parentalidade, haja vista que criar filhos em grandes metrópoles, com a ausência de suporte social, tem sido observado como uma dificuldade na atualidade (CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016). Além disso, o aumento do número de crianças que nascem com alguma malformação e o medo de conceber um filho com alguma síndrome também parecem influenciar na decisão do casal atual de ter filhos.

Há de se considerar que apesar dos inúmeros fatores que contribuem para o adiamento do projeto de ter filhos, existem elementos que levam os casais a não tardar ainda mais o projeto parental. Dentre eles, a idade biológica da mulher mostra-se como importante aspecto (FARINATI, RIGONI & MÜLLER, 2006). Além disso, a idade dos membros do casal para ter filhos e os perigos de uma

gestação com idade avançada, também são considerados por eles, como fatores relevantes para a não postergação da parentalidade.

Para Bradt (1995), não há estágio que provoque mudança mais profunda ou que represente desafio maior para a família do que a chegada de uma criança ao sistema familiar. Assim, diversos são os elementos que levam os casais a analisar a possibilidade de ter filhos e a planejar o momento de tê-los.

Portanto, a investigação acerca desta temática revela-se importante no atual cenário, onde aumenta cada vez mais o número de casais inseridos no mercado de trabalho, responsáveis financeiramente pelas despesas do lar e com menos tempo disponível para assumir as funções e demandas parentais. Além disso, compreender os fatores que influenciam na escolha por ter filhos na atualidade pode contribuir com o campo da clínica individual e de famílias, haja vista a carência de pesquisas nacionais abordando o adiamento do projeto parental na perspectiva do casal. A maioria dos estudos científicos ressalta o adiamento da maternidade, ou seja, discute em especial a perspectiva da mulher sobre esta questão.

A partir de tais considerações, o presente estudo, que é parte de uma investigação mais ampla sobre o adiamento do projeto parental, tem como objetivo investigar os fatores envolvidos no adiamento do projeto de ter filho na atualidade.

1.1 Método

Participantes

Participaram do estudo cinco homens e cinco mulheres de classe média, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos, casados legalmente ou não, há mais de três anos, sem filhos e residentes na cidade do Rio de Janeiro ou região metropolitana. Para apresentação dos resultados, eles foram nomeados de Homem 1 a Homem 5, e Mulher 1 a Mulher 5. A Tabela 1 apresenta a descrição do perfil dos participantes.

Tabela 1

	Participantes	Idade	Idade do (a) cônjuge	Profissão	Tempo de casado	Nível de escolaridade
	H1	35 anos	34 anos	Administrador	5 anos	Mestrado

Homens	H2	34 anos	34 anos	Economista	3 anos	Especialização
	H3	35 anos	34 anos	Economista	3 anos e meio	Mestrado
	H4	36 anos	35 anos	Farmacêutico	7 anos	Graduação
	H5	34 anos	34 anos	Advogado	4 anos	Especialização
Mulheres	M1	33 anos	34 anos	Psicóloga	3 anos	Especialização
	M2	35 anos	36 anos	Advogada	13 anos	Especialização
	M3	35 anos	37 anos	Contadora	5 anos	Mestrado
	M4	37 anos	38 anos	Nutricionista	3 anos e meio	Doutorado
	M5	36 anos	39 anos	Vendedora	6 anos	Graduação

Instrumentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas teve 10 perguntas como base e foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas sobre os seguintes eixos temáticos: percepções sobre a família de origem, conceito de família, concepções sobre maternidade/paternidade, perspectivas de projeto parental, desejo de filho e lugar do filho no projeto de vida do casal.

Procedimentos

Os participantes deste estudo foram indicados pela rede de relacionamento dos membros do grupo de pesquisa, constituindo uma amostra de conveniência. Como critério para participação no estudo, o sujeito deveria ter idade entre 32 e 37 anos, pertencer ao segmento socioeconômico médio, ser casado legalmente ou viver em união estável, há mais de três anos, e não possuir filhos.

Para a definição da faixa etária dos participantes tomou-se como base dados do IBGE (2013), que indicam que na atualidade homens e mulheres se casam em média com 31 e 29 anos respectivamente.

O contato inicial para a marcação das entrevistas foi feito por telefone. As entrevistas foram efetuadas, individualmente, em local determinado pelos participantes, e tiveram duração média de uma hora.

Cuidados éticos

O projeto que deu origem à pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido (processo n.º 2016-23). Todos os participantes

assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, permitindo a utilização dos dados em ensino, pesquisa e publicação.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Do discurso dos participantes emergiram seis categorias de análise. Tendo em vista que o objetivo deste artigo é investigar os fatores envolvidos no adiamento do projeto de ter filho na atualidade, nele serão apresentadas e discutidas as categorias: *motivos para o adiamento do projeto de ter filhos* e *motivos para o não adiamento do projeto de ter filhos*. As demais serão apresentadas e discutidas em outros trabalhos.

1.2 Análise e discussão dos resultados

Motivos para o adiamento do projeto de ter filhos

O projeto de ter filhos parece ser um anseio do casal contemporâneo, contudo, por diferentes motivos esse projeto deixou de ser uma prioridade, mantendo-se deste modo adiado. Diversas razões impulsionam o adiamento deste projeto, como o medo da possibilidade de ter um filho com alguma deficiência, conforme mostram os relatos abaixo:

“Você imagina aquele fluxo normal de responsabilidade... que você acha que vai ter quando tiver um filho, coisas que você vê e que imagina como vai ser... Só que quando você vai vendo episódios como este, onde milhares de crianças vêm nascendo com problemas, você repensa se quer ter filhos, se não é melhor adiar um pouco mais... Tá, e se acontecer comigo? Eu vou pegar a minha carreira e eu vou jogar fora? É fácil? Como é que vai ser se dedicar por uma criança com problemas durante 24 horas por dia?” - (Homem 1, 35 anos)

“Essa questão do Zika vírus é uma questão que faz o casal repensar. Imagina um casal que nunca teve filhos, a gente, o que passa na cabeça... a gente não quer correr esse risco. É mais fácil você adiar um sonho, quem sabe durante um ano, dois do que arriscar teu sonho.” - (Homem 2, 34 anos)

Cabe apontar que as entrevistas deste estudo foram realizadas durante um período no qual a população brasileira vivenciava uma epidemia do vírus Zika. Até o dia 12 de março do ano de 2016, 6.480 casos haviam sido notificados, 1.349 descartados e 863 confirmados para microcefalia ou alterações sugestivas de infecção congênita causada pelo vírus Zika no Brasil (DINIZ, 2016). As manifestações clínicas em mães e as repercussões da infecção do vírus Zika em fetos podem ter levado os participantes a destacarem este aspecto.

Cabe ressaltar, além disso, que o medo de gerar um filho com alguma síndrome, com frequência, não é motivo para adiar o projeto parental, mas sim razão para antecipar a maternidade/paternidade. Haja visto que, segundo a literatura, a idade avançada dos cônjuges pode ser um fator que contribui para o nascimento de um bebê portador de anomalia congênita (ZHU, MADSEN & VESTERGAARD, 2005; GREEN, DEVINE & CRIDER, 2010).

Medos associados a outras doenças ou síndromes, além do vírus Zika, também foram mencionados no estudo.

“Eu tenho uma irmã, e tudo que ela passou... porque minha sobrinha é autista... Essa experiência me ensinou muito, porque é uma criança que toma 24 horas do seu tempo, é muita responsabilidade. Quando você vivencia isso na família, você repensa sobre [ter filho].” - (Homem 1, 35 anos).

Para uma das mulheres, o fato de ela ter uma doença neurológica crônica, associado ao medo de gerar uma criança com a mesma doença, influenciou a decisão do casal de não ter filhos.

“Com 12 anos eu descobri que eu tinha epilepsia e durante dez anos foram muitas crises convulsivas, com o decorrer do tratamento, eu fui tomando remédio e eu não tive crise nenhuma. Só que é o que o médico me falou, é remédio pro resto da vida, e mesmo tomando remédio eu posso ter uma convulsão de média para elevada... Em uma gestação isso poderia ser bem pior porque na gestação eu provavelmente teria que interromper a medicação, por esta razão eu optei por não ter filho. O médico também nunca me garantiu que eu não terei um filho com problemas, por isso prefiro não arriscar.” - (Mulher 5, 36 anos).

O processo de construção da parentalidade se inicia bem antes do nascimento de um filho (SOLIS-PONTON, 2004; ZORNIG, 2012). Antes mesmo do nascimento, o bebê já faz parte do imaginário e das fantasias do par conjugal. Desse modo, mesmo sem ter filhos, os participantes do estudo descrevem sobre a expectativa da chegada de uma criança ao núcleo familiar; ressaltando o abalo emocional e o luto vivenciado pelos pais que se depararam com o nascimento de um filho com alguma deficiência.

Neste sentido, a chegada de um bebê com alguma síndrome ou deficiência pode abalar a estrutura e o funcionamento familiar. Um filho que nasce com alguma anomalia pode representar a quebra das expectativas acerca do bebê imaginário e idealizado pelo casal (GOMES, 2007; GOMES & PICCININI, 2011; BARBOSA, BALIEIRO & PETTENGILL, 2012).

O nascimento de um bebê é um momento celebrado com muita alegria entre familiares, amigos e parentes. Entretanto, quando os pais recebem a notícia de que a criança possui uma necessidade especial, tal situação pode causar um abalo emocional que origina muitas angústias na família (GÓES, 2006; GOMES 2007; OLIVEIRA & POLETTO, 2015).

A parentalidade é uma união de singularidades, em que o casal apresenta ao mundo o fruto de sua união. Observa-se que a possibilidade de gerar um filho com alguma síndrome, e deste modo vivenciar algumas das dificuldades envolvidas na parentalidade de crianças especiais, foi marcante no relato dos sujeitos deste estudo.

À exceção da mulher 5 que, em decorrência da própria vivência relacionada à sua doença, relatou que o casal optou por não ter filhos, o restante dos participantes mencionou medos relacionados à possibilidade de gerar uma criança especial. Observa-se, deste modo, que este aspecto favoreceu o adiamento do projeto de ter filhos.

Outro aspecto destacado pelos participantes em relação ao adiamento do projeto de ter filhos se refere à questão financeira. Sendo que, para os participantes a condição financeira do casal precisa estar organizada para que possa ser considerada a possibilidade de incluir um filho na relação a dois.

“Eu acho que a gente não teve filho até hoje porque primeiro a gente vive numa cidade grande, numa cidade cara, então você precisa estabelecer alguns objetivos.

Não tem como você constituir família no Rio de Janeiro sem estar bem estabelecido financeiramente. E isso faz parte você estar em um emprego bom, estável, você estar com seus objetivos de conhecimento avançado. Primeiro nós queríamos casar, nos casamos, depois nós queríamos conquistar a nossa casa, conquistamos, agora estamos conquistando a independência, uma melhor condição financeira, pra ter todo o alicerce certinho pra não ter contratempo.” - (Homem 3, 35 anos).

O relato dos participantes corrobora o estudo desenvolvido por Matos e Magalhães (2014), realizado com objetivo de identificar a expectativa de jovens adultos frente à parentalidade. De acordo com a avaliação dos entrevistados, ter filhos é um investimento muito grande, o que leva os jovens a repensarem a respeito da parentalidade, ou a fixarem um momento ideal para a reprodução, valorizando em especial uma melhor consolidação financeira. Os jovens contemporâneos parecem refletir sobre a relevância de ter filhos, já que ter uma criança representa assumir uma despesa de valor desconhecido e por tempo indefinido.

O mesmo dado foi observado no estudo desenvolvido por Nascimento e Térzis (2010), realizado com o objetivo de analisar o adiamento do projeto parental, com ênfase na situação de esterilidade enfrentada pelos casais. Segundo os autores, as justificativas dos participantes do estudo para o adiamento do projeto parental incluíam a busca pela estabilidade financeira, a priorização dos aspectos materiais e a construção do patrimônio.

A investigação desenvolvida por Caetano, Martins e Motta (2016) com o objetivo de compreender os motivos que levam casais heterossexuais a optarem por não ter filhos obteve resultados semelhantes. As autoras observaram que a busca pela estabilidade financeira, e o desejo de proporcionar um ambiente idealizado para a chegada de um filho, é um fator de relevância que contribui para o adiamento do projeto parental.

Observa-se, neste sentido, que a busca por uma melhor condição financeira antecede o projeto de ter filhos. Do mesmo modo, a estabilidade financeira do casal é mencionada como condição essencial para a possibilidade do projeto parental estar incluído nos planos do casal contemporâneo, sendo assim um fator de grande influência (HANSEN, 2012; POLLMANN-SCHULT, 2014).

A busca pela estabilidade financeira foi considerada um fator decorrente de transformações sociais recentes. Para alguns dos participantes, na atualidade,

os jovens demandam mais tempo para atingir um nível socioeconômico estável, e assim conquistar maior autonomia financeira, o que contribui para que tenham filhos mais tardiamente.

“Na época dos meus pais não tinha muito planejamento, você ia lá pagava as contas e o que sobrava era para comida. Então eu acho que essa busca pela estabilidade tem pesado muito na decisão de ter filhos ou quando ter. Hoje as pessoas param mais para planejar a sua vida você avalia mais antes de tomar decisões... comprar uma casa, comprar um carro, fazer uma reserva financeira. Alguns anos atrás não existia essa perspectiva, esse planejamento, pensava-se somente no mês, vivia-se somente o mês, e assim iam passando os anos.” - (Homem 3, 35 anos).

“Quando eu comparo ter um filho hoje com a época dos meus pais, eu penso que as coisas estão bem mais difíceis hoje. Meu pai aos 22 anos ele tinha a empresa dele, ele tinha o apartamento próprio, ele tinha o carro dele, ele tinha uma condição financeira boa. Eu, aos 22 anos, eu era estudante. Eles começavam no mercado de trabalho antes, eles tinham independência financeira antes, então eles começavam a vida antes. Meu pai foi pai aos 22 anos, pra eles isso era uma coisa completamente normal. Eu acho que a gente não tem essa facilidade financeira, a gente estuda mais, se prepara mais, mas começa a ganhar dinheiro mais tarde.” - (Mulher 3, 35 anos).

Outro aspecto destacado pelos participantes como um fator de influência para que o planejamento de ter filhos permaneça adiado na contemporaneidade se refere ao envolvimento dos sujeitos com outros projetos, sejam eles profissionais ou pessoais. Além disso, o aumento do tempo dedicado aos estudos na contemporaneidade também parece contribuir para a decisão do casal de postergar a parentalidade.

“Eu acho que a gente vive numa sociedade muito egoísta, a gente só pensa na gente, na gente... Eu pensei em mim quando eu fui estudar, meu marido pensou nele quando foi estudar... e o filho foi ficando pra depois, depois...” - (Mulher 2, 34 anos).

“A gente foi se organizando... primeiro o casamento, depois curtir uns anos de casado só nos dois, poder viajar bastante, finalizar outros projetos. Ela [esposa], estava finalizando o Doutorado, então decidimos primeiro terminar esse ciclo pra depois poder ter mais dedicação ao projeto de ter filhos.” - (Homem 3, 35 anos).

A conjugalidade atual é influenciada pelos imperativos da intimidade, da individualidade e da privacidade, atributos característicos do sujeito moderno (FÉRES-CARNEIRO & MAGALHÃES, 2005). Na atualidade há uma

supervalorização das relações interpessoais e uma desvalorização da dependência entre os cônjuges. A conjugalidade é construída com base nos aspectos individuais de cada parceiro e se mantem à medida que os cônjuges respeitam a individualidade um do outro (SINGLY, 2007).

Percebe-se, deste modo, que na relação conjugal contemporânea os parceiros se vinculam à medida que a relação seja vantajosa e traga prazer para ambos. Neste sentido, os projetos individuais passam a ocupar um lugar de destaque na relação a dois, assim como o livre-arbítrio e a felicidade pessoal começam a aparecer em primeiro plano (VIEIRA & STENGEL, 2010).

Parece que na atualidade os projetos individuais dos sujeitos casados vêm sendo mais acolhidos e compreendidos pelos (as) parceiros (as). Esse fato é observado na fala do homem 03 quando destaca os projetos pessoais da esposa (viajar, finalizar o Doutorado), antecedendo o projeto parental, e permanecendo aceito e respeitado. Neste sentido, parece que na atualidade os projetos individuais, apesar de singulares, são vivenciados conjuntamente entre os parceiros.

Cabe lembrar as transformações do lugar da mulher, na sociedade. Ela passou a assumir diferentes papéis: de esposa, de mãe e de profissional. Sua inserção no mercado de trabalho, em especial, provocou mudanças significativas no papel feminino e na sua relação com a maternidade. Hoje, ela investe em sua carreira, cursa terceiro grau e está cada vez mais inserida no âmbito laboral. Além disso, a mulher atual considera a possibilidade de a maternidade comprometer sua própria carreira.

Dado semelhante, ao que foi encontrado neste estudo, foi observado na investigação realizada por Park (2005), na qual participaram mulheres e homens que optaram por não ter filhos. A autora observou que os cônjuges consideraram que um filho poderia comprometer suas carreiras e, além disso, as atividades de lazer do casal. Desse modo, tais aspectos foram mencionados como importantes fatores para a decisão de não ter filhos.

Além do envolvimento com projetos pessoais e profissionais, destacado pelos participantes deste estudo, a inserção da mulher no mercado de trabalho também foi referida. Alguns participantes mencionaram que a entrada da mulher no mercado de trabalho também pode ser observada como fator de influência para o adiamento do projeto de ter filhos na contemporaneidade.

“Eu observo que hoje as pessoas têm filhos mais tarde por vários fatores... cada vez mais a inserção das mulheres no mercado de trabalho já tem um impacto. Ao entrar no mercado elas têm as suas perspectivas. Tudo que antigamente era mais da parte masculina, competia, mais ao homem... a mulher cada vez mais está assumindo essas funções.” - (Homem 3, 35 anos).

“O trabalho acaba te dominando, então eu acho que é por isso que as pessoas acabam adiando um pouco mais pra ter filho. Antigamente as mulheres não trabalhavam, isso era muito comum só o marido trabalhava e a mulher ficava cuidando dos filhos. Realmente eu imagino o quanto deve ser trabalhoso cuidar de filho. Raramente as pessoas tinham apenas um, então ficar em casa cuidando dos filhos já era um trabalho para mulher, hoje em dia isso é muito diferente, é outro perfil.” - (Mulher 4, 37 anos).

Com relação a este aspecto, ainda foram mencionadas as dificuldades enfrentadas pela mulher contemporânea que precisa se ausentar do mercado de trabalho com a chegada de um filho.

“Olhando na lógica da mulher, o homem também, mas da mulher mais, eu acho que o lado profissional às vezes te desestimula a pensar em ter filhos. Minha esposa ela tem uma carreira, vamos dizer assim... ela é menos ambiciosa do que eu, então acho que fica um pouco mais fácil pra ela. Eu acho que eu me esforcei mais, sempre me dediquei mais, então pra mim seria difícil deixar de lado a minha profissão, então sei lá eu imagino... se eu fosse mulher hoje seria difícil pra mim, já ter um status, uma posição na minha carreira e prevendo que eu posso crescer... e talvez se eu ficasse 6 meses fora da empresa isso me atrapalharia.” - (Homem 2, 34 anos).

“Eu acho que eu fico tranquila [com a carreira] porque eu não sou uma grande executiva, uma gerente, uma diretora. Mas, por exemplo, a minha gerente ela tem 46 anos e ela teve gêmeos recentemente, então eu acho que ela pensou durante muito tempo na carreira dela. Se ela tivesse tido filho antes, se afastado da empresa será que ela estaria nessa posição hoje?” - (Mulher 3, 35 anos).

As falas do homem 2 e da mulher 3 apontam as dificuldades da mulher contemporânea, em especial as das camadas médias da sociedade, inseridas no mercado de trabalho, que precisam harmonizar maternidade e vida profissional, tal como mencionado por Rocha-Coutinho (2013; 2015), quando discorre sobre as pressões da mulher que trabalha, cuidado do lar e dos filhos. Segundo a mesma autora uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes para a mulher trabalhadora é a conciliação da maternidade com uma carreira profissional, isso talvez porque a mulher ainda não seja reconhecida e valorizada no mercado de trabalho do mesmo modo que o homem.

Outro aspecto mencionado pelos participantes como um fator de influência no adiamento do projeto parental se refere à presença do animal de estimação no contexto do casal sem filhos. Na atualidade, a relação com os animais de estimação tem ganhado intensidade. Para algumas famílias a relação com os animais tem assumido simbolicamente um lugar parento-filial, como se, parcialmente, o desejo de ter filhos fosse deslocado para a relação com o animal de estimação. Esse aspecto foi observado no discurso dos participantes deste estudo.

“Quando a gente era mais novo a gente falava mais sobre isso... na verdade eu sempre tive vontade de ter [filhos]. Eu brinco com ele... na verdade eu acho que eu passei a não ter mais vontade depois que a gente comprou um cachorro, eu acho que supriu a minha necessidade materna...” - (Mulher 1, 33 anos).

Com relação a este aspecto, ainda foi mencionado pelos participantes a semelhança observada entre os cuidados que um animal de estimação requer e os cuidados que uma criança exige. O zelo e as responsabilidades relacionadas ao animal, foram descritos como um possível ensaio para o cuidado de um filho.

“Nós tínhamos um casal de periquitos e já não conseguíamos dar atenção. Eles foram o nosso “projeto piloto” de como será ter um filho [risos]. O casal de periquitos se foi e nessa correria a gente optou por não ter mais bicho. Os bichinhos, chegava final de semana 6:00 horas da manhã, estavam acordados, a gente pensava deixa a gente dormir pelo menos no final de semana [risos]. Aí você imagina um filho.... O filho é assim chorou acabou não importa se amanhã você tem reunião às 7:00 da manhã você tem que levantar e solucionar o choro da criança, você tem que resolver o problema.” - (Homem 3, 35 anos).

Pesquisas atuais têm apontado o valor dos animais de estimação no ambiente familiar (EITHNE & AKERS, 2011; CARVALHO & PESSANHA, 2013; GIUMELLI & SANTOS, 2016). No âmbito jurídico, casos de guarda compartilhada de animais domésticos têm sido considerados nos processos de separação e pós-divórcio, e deste modo têm chegado ao poder judiciário (EITHNE & AKERS, 2011).

Os animais de estimação têm assumido um papel diferenciado nas relações intrafamiliares na atualidade. O crescimento do afeto e do apego entre o homem e os animais tem evidenciado o papel destes, como integrantes da família (WALSH, 2009; CARVALHO & PESSANHA, 2013). A construção de novos arranjos familiares, a redução do número de membros nas famílias, o aumento da

expectativa de vida e o crescente aumento do número de casais sem filhos podem ser analisados como possibilidades para o aumento do número de residências com animais de estimação (HEIDEN & SANTOS, 2009).

Por meio do relato dos participantes deste estudo, é possível observar que na atualidade os animais passaram a assumir uma importante função no âmbito familiar, ocupando inclusive em alguns ambientes familiares o lugar semelhante ao de um filho. Do mesmo modo, os cuidados que o animal de estimação demanda do seu cuidador, assim como os que a criança demanda dos pais, foram evidenciados como um fator que contribui para que os casais na atualidade repensem o projeto parental.

Outro aspecto observado como influência para o adiamento do projeto parental se refere à falta de uma rede de apoio. Através da análise das entrevistas foi possível identificar que a falta de uma rede de apoio que auxilie os casais nos cuidados inerentes à parentalidade—também é um fator que contribui para que o projeto de ter filhos se mantenha adiado.

“Uma questão que eu observo é que hoje nós não temos uma rede de apoio, diferente de alguém que mora numa cidade menor e próximo aos seus familiares, são realidades muito distintas. Eu tenho alguns amigos do interior, ah você vai deixa a criança na escola e outro familiar busca pra você, você tem todo um apoio, é um cenário muito diferente. A gente não tem essa possibilidade morando aqui mais longe da família.” - (Homem 3, 35 anos).

A rede social de apoio pode ser vista como um recurso coletivo que favorece as necessidades e demandas de uma determinada classe ou grupo (SLUZKI, 2006). Contudo, o tamanho, a densidade populacional e a heterogeneidade nas cidades contemporâneas têm contribuído para que o laço entre os sujeitos sejam transitórios, superficiais e desconectados com facilidade, e isso tem contribuído para a ausência de suporte social entre os sujeitos das grandes metrópoles na atualidade (COSTA, 2005). Neste sentido, as tarefas cotidianas nas sociedades urbanas atuais parecem estar mais pesadas e exaustivas em decorrência da ausência de redes de suporte mais fortalecidas e do afastamento dos sujeitos das suas famílias de origem (CARVALHO, FRANCO, COSTA & OIWA, 2012).

Assim, criar filhos em grandes metrópoles tem sido observado como uma dificuldade na atualidade (CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016). A

impossibilidade de contar com uma rede de apoio que auxilie nos cuidados que uma criança demanda, evidencia-se como um fator que colabora para que o projeto parental permaneça adiado.

Outro aspecto mencionado como importante para o adiamento do projeto parental se refere à impossibilidade de a mulher/mãe estar mais próxima da criança após o nascimento. Neste sentido, foi apontada pelos participantes a necessidade de a mulher trabalhar e residir em ambientes próximos ao do filho, para que deste modo, após o nascimento do bebê, a mulher possa estar mais presente na vida da criança. Esse aspecto foi colocado pelo homem 3 como uma meta para o casal, sendo a transferência de trabalho da esposa destacada como um fator essencial, para que o casal passasse a iniciar a tentativa de engravidar.

“Não querendo ser machista, nada disso, mas a princípio eu vejo como mais importante a mãe estar mais perto [do filho] porque tem coisas que realmente é a mãe que tem mais domínio, até por conta dessa questão sentimental da mãe com a criança e foi por este motivo que a transferência dela [esposa] para trabalhar mais próximo da nossa casa era uma prioridade pra que pensássemos em ter filho.” - (Homem 3, 35 anos).

Cabe apontar que o fato de ainda hoje os cuidados e responsabilidades com os filhos permanecerem atrelados à mãe foi um aspecto destacado de forma negativa pela mulher 1.

“Hoje ele [marido] sai de casa umas 7 horas para trabalhar, depois vai pra academia, e chega em casa nove, nove e meia da noite, e pra mim isso hoje não atrapalha, mas se a gente tivesse um filho, ele sairia de casa a criança estaria dormindo e ele chegaria em casa a criança estaria dormindo. Então assim, que horas que ele iria cuidar do filho? E eu vejo o mesmo nos amigos dele, eles têm essa rotina e ninguém larga o treino para ir cuidar da criança, as coisas ainda ficam muito a cargo da mulher. Como posso pensar em ter filho se terei que ser a maior responsável pela criança?” - (Mulher 1, 33 anos).

Historicamente a mulher foi considerada pela sociedade como melhor preparada para cuidar dos filhos. Assim, em qualquer discussão sobre o cuidado costumeiramente a sociedade remete-se ao universo feminino, pois desde a infância, no ambiente familiar, escolar e social, há um claro incentivo e uma cobrança de que o cuidado esteja presente na postura das meninas (LYRA, LEÃO, LIMA, et al, 2015).

Observa-se que padrões de comportamento estão enraizados em nossa cultura, e são perpetuados e transmitidos às crianças, que desde pequenas aprendem a seguir normas e padrões pré-estabelecidos (FINCO, 2003). Nas brincadeiras infantis, algumas expressões são visivelmente observadas, como: “meninos brincam de carinho e meninas de boneca”, “meninas usam cor-de-rosa e meninos azul”, ou “meninos podem brincar de casinha, mas devem ser o marido e sair para trabalhar” enquanto “as meninas ficam em casa cuidando dos filhos” (FLECK, FALKE & HACKNER, 2005). Mensagens como estas definem desde criança o que é ser menino e o que é ser menina, e ainda, o que futuramente seria ser homem/ser mulher, ser pai/ser mãe.

Assim, observa-se que desde criança através das brincadeiras infantis o cuidado é estimulado como tarefa da mulher. Historicamente o exercício de cuidar dos filhos sempre foi vinculado a algo instintivo, relacionado a uma função intrínseca de natureza feminina que nasce desde cedo na menina (BADINTER, 1980; 2010). Em contrapartida, ao longo da história se fortaleceu a ideia de que o homem não era capaz de exercer tarefas de cuidado aos filhos. Caso cuidasse do filho, o pai não cuidaria tão bem quanto a mãe, pois não possui instinto para tal (CÚNICO & ARPINI, 2013).

Apesar das diversas transformações históricas e sociais no âmbito familiar, dois aspectos parecem ser extremamente estáveis: a presença da família, independentemente de sua configuração, como unidade social básica de convivência e reprodução de cuidado com os filhos; e a atribuição de forma praticamente exclusiva à mulher da responsabilidade pelo cuidado do lar e dos filhos (CASTRO, CARVALHO, CAVALCANTI, et al., 2012). Assim, apesar das mudanças no papel social da mulher, elas ainda permanecem como as principais responsáveis pelas tarefas do lar e pelo cuidado com os filhos (BORSA & NUNES, 2011; LOPES, DELLAZZANA-ZANON & BOECKEL, 2014, 2014; ROCHA-COUTINHO, 2013; 2015).

Motivos para o não adiamento do projeto de ter filhos

Com relação aos motivos para que o projeto de ter filhos não seja adiado, os participantes deste estudo destacaram de forma unânime preocupações

relacionadas à idade das mulheres, considerando fatores biológicos. Este aspecto parece ser um importante fator que acaba influenciando na decisão dos casais atuais de não adiar ainda mais o projeto parental.

“Hoje as mulheres podem ter filhos com qualquer idade? Será? Isso envolve várias outras questões... Por exemplo, uma mulher hoje, que pega Zika, tem que esperar pelo menos seis meses para depois engravidar. E aí para uma mulher jovem esperar seis meses para engravidar ok, mas para uma mulher de 39, 40 anos a situação é bem diferente.” - (Mulher 2, 35 anos).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera um casal infértil após dois anos de tentativas de gravidez frustradas. A idade da mulher condiciona sua fertilidade que tem declínio após os 30 anos, e sofre um agravamento nítido, sobretudo a partir dos 35 anos. A idade condiciona não só a gravidez espontânea, mas também a taxa de sucesso das técnicas de reprodução medicamente assistidas. Já os homens mantêm-se férteis mais tempo, sendo o declínio da qualidade gamética masculina mais sutil e mais tardia que na mulher. A proporção de casais estéreis é de 5% aos 20-24 anos, já aos 40 anos esse índice é de 25 a 30% (GONÇALVES, 2005).

A infertilidade do casal aumenta com a idade atingindo um em cada quatro casais com mais de 35 anos (RIBEIRO, 2004). A idade, em especial da mulher, está relacionada à possibilidade e ao sucesso da gravidez. Sua capacidade conceptiva, que começa a declinar de forma mais acentuada após os 35 anos, foi apontada pelos sujeitos deste estudo como um significativo fator para que o projeto de ter filhos não seja adiado ainda mais. Assim, os participantes podem sentir medo de não concretizar o projeto parental em consequência da idade avançada e dos riscos relacionados à infertilidade, tendo em vista que a infertilidade rompe expectativas de concretização do projeto parental, ao que se refere a continuidade consanguínea da família.

Além da idade feminina, ainda foi mencionada pelos participantes a idade dos membros do casal para ter filhos. Neste sentido, pôde-se observar que o avanço da idade tanto do homem quanto da mulher, e os perigos de uma gestação com idade avançada levam os casais a analisar a possibilidade de antecipar o projeto de ter filhos, o que possivelmente não aconteceria se ambos fossem mais jovens.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que entre 60 e 80 milhões de pessoas em todo o mundo enfrentem dificuldades na concretização do projeto parental, e calcula-se que esse índice atinja aproximadamente 20% dos casais em idade reprodutiva (FARINATI, RIGONI & MÜLLER, 2006).

“Hoje a medicina propicia que você tenha o primeiro filho já numa idade um pouco mais avançada. Tem uma colega minha do trabalho que tá grávida, tá com 39, acho que essa é uma tendência hoje, a gente vai esticando até onde pode. Tem muito pai por aí que parece até avô do filho [risos]. [...] mas a gente não gostaria de adiar mais por conta da idade porque li recentemente que a cada ano que passa, que você fica mais velho, aumenta a probabilidade da gestação não ser tão tranquila, sem nenhum problema.” - (Homem 3, 35 anos).

Desejar ter filhos, mas se deparar com uma impossibilidade, pode produzir uma ampla gama de sentimentos, esse aspecto é referenciado pelos sujeitos deste estudo quando se imaginam nesta situação. A possibilidade de enfrentar uma gestação problemática, ou ainda, deparar-se com a infertilidade, parece ser uma angústia que tem levado os sujeitos a não tardar ainda mais o projeto de ter filhos na atualidade.

1.3 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo investigar os fatores envolvidos no adiamento do projeto de ter filho na atualidade. Nesse sentido, vale pontuar que o projeto parental, o desejo de ter filhos e a procriação, que até as décadas de 1950 e 1960 não eram uma escolha, sofreram significativas mudanças ao longo do tempo.

Através do discurso dos participantes deste estudo pôde-se observar que ainda hoje existe uma pressão social muito grande para que todo adulto casado tenha filhos. Diversos fatores, contudo, levam os casais a se questionar sobre o projeto de ter filhos na atualidade. Dentre eles, o aumento do nascimento de crianças com malformação parece ser uma das influências para tardar a decisão de ter filhos. Cabe analisar, entretanto, acerca do período em que este estudo foi desenvolvido, período no qual a população brasileira vivenciava uma epidemia do vírus Zika. Frente a esse fato, considerou-se natural que preocupações relacionadas a este aspecto se mostrassem presentes.

Outros aspectos também mostraram ter influência na decisão de postergar a parentalidade, tais como, a demora na conquista de melhor estabilidade financeira e as exigências do mercado de trabalho que impõem o constante investimento pessoal em capacitação e cursos de formação superior. Cabe lembrar que ter um filho requer certo afastamento destas atividades, ainda que momentaneamente, em especial para a mulher. Assim, conciliar o investimento profissional com a maternidade/paternidade implica em reorganizações para as quais, muitas vezes, os membros do casal se questionam sobre estarem preparados.

Neste viés, observou-se que a chegada de uma criança é relacionada à perda da autonomia e da liberdade dos cônjuges, que na atualidade têm outras ambições, pessoais e profissionais, que parecem se desvincular da parentalidade. Constatou, desse modo, que a opção de poder escolher ter filhos ou não, gera sentimentos ambíguos aos membros do casal que, ao mesmo tempo que desejam ter filhos, não deixam de considerar as demandas que o exercício parental lhes traria.

É através dos cuidados com os animais de estimação que o casal sem filhos tem a possibilidade de imaginar como seria a relação a dois, com a presença de um terceiro elemento. Desse modo, observou-se que ter um animal de estimação, e assumir as responsabilidades inerentes ao cuidado deste, é considerado uma preparação para a parentalidade e além disso, percebido como uma tarefa bastante árdua. Outro aspecto que também é percebido como motivador para o adiamento do projeto de ter filhos ou a decisão de não tê-los, refere-se à falta de uma rede de apoio que auxilie os casais nos cuidados inerentes à parentalidade, haja visto que talvez essa rede de apoio não se amplie ao longo do tempo.

Assim como se pôde observar a existência de fatores que contribuem para a postergação da parentalidade, percebeu-se que existem elementos que levam os casais a repensar sobre o adiamento do projeto de ter filhos. Neste sentido, constatou-se que a idade biológica da mulher é um importante fator que acaba influenciando na decisão dos casais atuais de não postergar, ainda mais, o projeto parental. Além disso, o avanço da idade, tanto do homem quanto da mulher, leva os casais a refletirem sobre a possibilidade de ter filhos antes, o que possivelmente não aconteceria se ambos fossem mais jovens.

Cabe considerar que os achados encontrados neste estudo se referem aos segmentos médios da população, sendo este segmento talvez, o que mais anseie por estabilidade financeira, e do mesmo modo, o que mais invista em formação superior. Os resultados apresentados neste estudo possivelmente não se aplicam aos segmentos socioeconômicos mais baixos da sociedade. Tais segmentos, dentre outros aspectos, por exemplo, contam com maiores redes sociais de apoio como vizinhos, para auxiliar no suporte as crianças (CARVALHO, FRANCO, COSTA & OIWA, 2012), diferentemente de sujeitos pertencentes aos segmentos médios, conforme já discutido. Além disso o número de jovens de baixa renda que concluem o ensino superior ainda é menor do que o de jovens de média renda (OSORIO, 2009), que conforme já pontuado, permanecem investindo em formação acadêmica por um longo período. Desse modo, sugere-se que novas pesquisas que se proponham a investigar a mesma temática, possam buscar estudar sujeitos de outros segmentos socioeconômicos.

Outro aspecto, que merece reflexão, refere-se ao fato de que talvez, casais que optem por não ter filhos, ou adiem o projeto parental, tenham maior qualidade no relacionamento conjugal. Considerando-se que a chegada de um filho provoca intensas mudanças no relacionamento a dois e que, durante um período, as necessidades da criança precisam ser priorizadas, há de se considerar que tal situação pode acarretar um declínio na satisfação conjugal.

Por fim, cabe salientar a limitação teórica deste estudo, na medida em que se encontrou uma carência de pesquisas nacionais abordando o adiamento do projeto parental na perspectiva do casal. A maior parte dos estudos brasileiros investiga o adiamento da maternidade, discutindo em especial a perspectiva da mulher sobre essa questão. Com isso, sugere-se também que novos estudos enfatizando a perspectiva do casal possam ser desenvolvidos.

A carência teórica encontrada evidencia a importância da produção científica acerca desta temática. Por esta razão, os resultados e a discussão aqui apresentados buscam avançar em termos de conhecimento científico, mostrando-se importantes na contribuição para o trabalho de profissionais da área da saúde que atuam com famílias e casais.

2. Ter ou não ter filhos? Vicissitudes da conjugalidade contemporânea

Resumo

O presente estudo é parte de investigação mais ampla sobre o adiamento do projeto parental. Foram realizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado com homens e mulheres dos segmentos médios da população carioca, membros de casais distintos. Participaram do estudo cinco homens e cinco mulheres, com idades entre 33 e 37 anos, sem filhos. As entrevistas foram analisadas pelo método de análise de conteúdo e discutidas a partir da literatura revisada. Na investigação mais ampla, emergiram das narrativas as seguintes categorias de análise: *motivos para o adiamento do projeto de ter filhos, motivos para o não adiamento do projeto de ter filhos, ambivalência quanto ao desejo de filho, negociação entre os membros do casal sobre o projeto de filhos, satisfação conjugal de casais sem filhos e sociedade e o projeto de ter filhos*. Neste estudo, cujo objetivo é investigar o desejo de ter filhos e o processo de negociação sobre o projeto parental entre os membros do casal, serão discutidas as categorias ambivalência quanto ao desejo de filho e negociação entre os membros do casal sobre o projeto de filhos. Verificou-se, sobretudo, que a negociação da parentalidade entre os cônjuges, ocorre de modo implícito e não verbalizado, sendo, porém favorecida quando pré-estabelecida antes do casamento. A decisão acerca deste projeto aparece, contudo, marcada por ambivalência e contradição.

Palavras-chave: conjugalidade, desejo de filho, projeto parental, contemporaneidade.

Abstract:

The present study is part of a wider investigation into the postponement of the parental project. Semi-structured interviews were conducted with men and women from the middle segments of the carioca population, members of different couples. Five men and five women, aged 33 and 37 years, with no children participated in the study. The interviews were analyzed using the content analysis method and discussed based on the revised literature. In the larger investigation, the following categories of analysis emerged from the narratives: *motives for postponing the project of having children, motives for not postponing the project of having children, ambivalence about the desire for children, negotiation among the members of the couple on the project of children, marital satisfaction of couples without children and society and the project of having children*. In this study, our objective is to investigate the desire to have children and the negotiation of the parental project process between the members of the couple, the ambivalence categories will be discussed regarding the wish to have a child and negotiation between the members of the couple on the project of having children. It was verified, above all, that the negotiation of parenthood between the spouses occurs implicitly and non-verbally, but is favored when pre-established prior to

marriage. The decision about this project appears, however, marked by ambivalence and contradiction.

Keywords: conjugality, wish to have a child, parental project, contemporaneity.

Até a primeira metade do século XX, casar significava, primordialmente, ter filhos e constituir família (DINIZ, 2010). Neste sentido, o casamento era intrínseco à parentalidade. Essa relação, contudo, foi se modificando ao longo da história. O surgimento da pílula anticoncepcional nos anos 60 e a maior eficácia dos métodos contraceptivos, possibilitaram a separação entre a sexualidade e a reprodução. Com isso, o nascimento da criança passou a ser consequência do desejo de homens e mulheres, de tal modo que os casais passaram a poder optar por ter, ou não, ter filhos e por quando tê-los.

Na atualidade, apesar de ainda ser maior o número de casais que em algum momento de suas vidas se tornam pais, tem havido uma crescente tendência entre eles em adiar o projeto parental ou optar por não ter filhos. Segundo dados do IBGE (2015), os arranjos familiares constituídos por casal com filhos vêm reduzindo nos últimos anos: em 2002, 52,7% dos casais tinham filhos, em 2012 o índice já era de 45%. O declínio do número de casais que optam por ter filhos evidencia, assim, um aumento deste tipo de configuração familiar.

Apesar de a configuração familiar de casais sem filhos ter aumentado, estudos acerca da opção por ter filhos é uma temática ainda muito pouco investigada no contexto brasileiro (RIOS & GOMES, 2009a). Em decorrência das novas configurações familiares o conceito de família vem passando por redefinições contínuas. Nesse sentido, ainda é difícil de encontrar uma definição consensual acerca deste conceito.

Por um lado, encontram-se menos famílias constituídas por casais com filhos, por outro, constata-se um aumento das famílias unipessoais, isto é, unidades domiciliares formadas por uma só pessoa. Cresce, também, o número de casamentos e arranjos familiares formados por pessoas do mesmo sexo (BIROLI, 2014). Essas transformações abriram a possibilidade de revisão acerca dos conceitos de família até então transmitidos (SOHNE & WENDLING, 2011).

Entende-se que a existência de um número cada vez maior de casais que adiam o projeto de ter filhos, ou não os têm, implica pensar que esta configuração

familiar vem se tornando mais comum. O crescimento deste tipo de arranjo pode estar relacionado à coincidência entre os anos para a construção e consolidação de uma carreira profissional e o período do ciclo evolutivo da família no qual se costuma ter filhos (ROCHA-COUTINHO, 2013; 2015). Esse aspecto parece dificultar a tomada de decisão acerca do projeto parental, o que tende a levar muitos casais a tardar essa escolha (BARBOSA & ROCHA-COUTINHO, 2007; MATOS & MAGALHÃES, 2014; CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016).

Sabe-se que a procriação é indispensável para a preservação da espécie (CHATEL, 1995; BYDLOWSKI, 2010). Deste modo, na expectativa da continuidade geracional, a sociedade espera que do casal conjugal possa surgir um casal parental, cumprindo, assim a “missão” de ter filhos. Deste modo, a conjugalidade e a parentalidade se apresentam bastante interligadas (MAGALHÃES, 2010).

Os casais costumam estabelecer projetos em comum que, com frequência, precisam ser revistos na perspectiva da criação de novos planos. Dentre os projetos do casal, o planejamento de ter filhos se apresenta como algo comum compartilhado entre eles e, ainda, socialmente esperado. O projeto parental faz parte do parâmetro definitivo referente ao projeto vital compartilhado pelo casal, conceito postulado por Puget e Berenstein (1994).

Na perspectiva destes autores, existem alguns parâmetros definitórios que são estabelecidos na relação conjugal. Esses parâmetros são construídos pelas exigências culturais e pelos registros do mundo psíquico de cada cônjuge. Estes registros, provenientes majoritariamente das vivências infantis, incorporam o modelo de relação conjugal para cada sujeito. É importante enfatizar que esses parâmetros são definidos através de pactos contratuais inconscientes que dão sentido à conjugalidade e se expressam na relação estabelecida entre os casais.

Para Maldonado e Dickstein (2010), a experiência de ter um filho inaugura o casal parental sendo um importante momento no ciclo de vida da família. A mulher, além de ser filha, passa a ser mãe, e o homem, além de ser filho, passa a ser pai. O nascimento é, portanto, um rito de passagem que parece simbolizar o surgimento de uma família.

Segundo Bradt (2007), o casamento demarcaria uma mudança de *status*, essa mudança de condição, torna o planejamento de filhos socialmente esperado, visto que casar e em seguida ter filhos são percebidos como etapas do ciclo de

vida familiar. Talvez por esta razão, romper esse ciclo ou tardar o projeto de ter filhos gere questionamentos ao casal na contemporaneidade.

O nascimento de um bebê, marca significativa de transição de estágio no ciclo de vida familiar, costuma gerar instabilidade, podendo influenciar, inclusive, na satisfação conjugal entre os cônjuges (DOSS, RHOADES, STANLEY & MARKMAN, 2009; MCGOLDRICK & SHIBUSAWA, 2016). Algumas dificuldades podem surgir, também, em função da divisão do sujeito contemporâneo entre as funções conjugais, parentais e pessoais, sobretudo profissionais. Além disso, nos dias de hoje, os sujeitos vivenciam um conflito entre ter filhos de acordo com o tempo biológico mais “adequado” ou investir na carreira profissional. Tal conflito implica, justamente, no risco de adiar o projeto parental. Esse paradoxo parece contribuir para o sentimento de ambivalência acerca da parentalidade, comumente observado na contemporaneidade (BARBOSA & ROCHA-COUTINHO, 2007; MATOS & MAGALHÃES, 2014).

O desejo de ter filhos é, portanto, atravessado por aspectos conscientes e inconscientes. Neste sentido, o modo como um sujeito define suas escolhas se mostra influenciado por valores familiares que são constituídos por crenças, princípios e costumes, que são transmitidos de geração em geração (ZORNIG, 2010). Muitas vezes, a transmissão psíquica geracional é um processo estabelecido em nível não-verbal, a partir de uma cadeia de significantes originários. É importante acrescentar que esses significantes influenciam as decisões dos indivíduos ao longo de toda sua vida (REHBEIN & CHATELARD, 2013).

Influenciados por esses fatores, observamos a existência de significativas semelhanças entre a relação estabelecida entre os membros de um casal e a conjugalidade de seus pais/sogros, bem como uma influência direta das famílias de origem nas diferentes fases da vida do casal (QUISSINI & COELHO, 2014). Para Féres-Carneiro e Magalhães (2005), o casamento no projeto de vida dos indivíduos costuma ser marcado pelo modo como eles se apropriam dos aspectos da conjugalidade dos pais que tende a repercutir de modo significativo em suas escolhas. Neste sentido, a escolha por casar-se e ter filhos pode estar atrelada às vivências na família de origem.

Contudo, cabe analisar que o casamento contemporâneo, além dos aspectos relacionados à transmissão psíquica, também é marcado por importantes

transformações sociais. A fragilidade com que os laços são formados, em decorrência do individualismo e das relações menos sólidas, tem interferido na dinâmica conjugal e na construção de um vínculo mais consolidado (FÉRES-CARNEIRO & MAGALHÃES, 2005; PASSOS, 2007; ZANETTI & GOMES, 2012). Assim, nas relações amorosas da atualidade, marcadas pela instabilidade e pelo individualismo (MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2004), o projeto parental parece ser um investimento bastante audacioso. Neste sentido, em função da valorização da individualidade e da liberdade de escolha, novos sentidos vêm sendo dados ao relacionamento conjugal e aos projetos pessoais dos indivíduos (BORGES & MAGALHÃES, 2013; BORGES, MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2014; MATOS & MAGALHÃES, 2014).

De fato, a parentalidade se institui como um exercício que exige muita responsabilidade, o que torna a decisão de ter filhos algo cada vez mais difícil. A sociedade exige que os pais cumpram os papéis parentais com satisfação, sem aceitar que as dificuldades inerentes à esta função sejam analisadas (TRAVASSOS-RODRIGUEZ & FÉRES-CARNEIRO, 2013). Atrelado a isso, as expectativas sobre as práticas parentais são muito altas, levando casais, muitas vezes, a recuar por não possuir os recursos necessários para exercer tal função. Tempo, dinheiro e paciência se tornam imperativos indispensáveis para corresponder às exigências sociais impostas à parentalidade.

Assim, a negociação acerca dos projetos compartilhados pelos membros do casal – como o projeto de ter filhos – pode repercutir no cotidiano das relações conjugais, sobretudo, se tais projetos não são definidos de modo consensual e claro entre os cônjuges. Neste cenário, o reconhecimento das influências externas e internas, além da capacidade de comunicação e diálogo entre os membros do casal aparecem como catalizadores da decisão acerca do projeto parental. Cabe salientar que as habilidades de comunicação entre os cônjuges podem ser um ponto forte na conjugalidade contemporânea, que vem experimentando altos níveis de conflito em decorrência da busca pela harmonização entre o universo do trabalho e da família (CARROLL, HILL, YORGASON, LARSON & SANDBERG, 2013; KONIK, 2014).

De fato, equilibrar as demandas profissionais com os papéis parentais pode gerar estresse aos membros do casal. Contudo, a comunicação entre eles pode

mediar os conflitos para lidar com os altos níveis de estresse comuns da sociedade contemporânea.

Deste modo, o projeto parental, que antes era visto como uma consequência inevitável do casamento, hoje pode ser encarado como uma opção a ser discutida pelo casal. Nessa direção, cabe questionar se a decisão por não ter filhos ainda contraria as expectativas sobre os ideais culturais do casamento, rompendo com um modelo que ainda hoje se apresenta como referência. Neste sentido, a opção de ter ou não filhos é, sem dúvida, uma decisão complexa e que inspira sentimentos contraditórios entre os membros do casal.

No âmbito dessas considerações, o presente estudo, que é parte de investigação mais ampla sobre o adiamento do projeto parental, tem como objetivo investigar o desejo de ter filhos e o processo de negociação sobre o projeto parental entre os membros do casal na contemporaneidade. Frente ao cenário atual, surge uma série de questionamentos acerca do espaço, do tempo e do desejo pelos quais o casal contemporâneo passa ao refletir sobre a inclusão de um filho na relação conjugal.

2.1 Método

Participantes

Participaram do estudo cinco homens e cinco mulheres de classe média, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos, casados legalmente ou não, há mais de três anos, sem filhos e residentes na cidade do Rio de Janeiro ou região metropolitana. Para apresentação dos resultados, eles foram nomeados de Homem 1 a Homem 5, e Mulher 1 a Mulher 5. A Tabela 1 apresenta a descrição do perfil dos participantes.

Tabela 1

	Participantes	Idade	Idade do (a) cônjuge	Profissão	Tempo de casado	Nível de escolaridade
Homens	H1	35 anos	34 anos	Administrador	5 anos	Mestrado
	H2	34 anos	34 anos	Economista	3 anos	Especialização
	H3	35 anos	34 anos	Economista	3 anos e meio	Mestrado
	H4	36 anos	35 anos	Farmacêutico	7 anos	Graduação
	H5	34 anos	34 anos	Advogado	4 anos	Especialização
	M1	33 anos	34 anos	Psicóloga	3 anos	Especialização

Mulheres	M2	35 anos	36 anos	Advogada	13 anos	Especialização
	M3	35 anos	37 anos	Contadora	5 anos	Mestrado
	M4	37 anos	38 anos	Nutricionista	3 anos e meio	Doutorado
	M5	36 anos	39 anos	Vendedora	6 anos	Graduação

Instrumentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas teve 10 perguntas como base e foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas sobre os seguintes eixos temáticos: percepções sobre a família de origem, conceito de família, concepções sobre maternidade/paternidade, perspectivas de projeto parental, desejo de filho e lugar do filho no projeto de vida do casal.

Procedimentos

Os participantes deste estudo foram indicados pela rede de relacionamento dos membros do grupo de pesquisa, constituindo uma amostra de conveniência. Como critério para participação no estudo, o sujeito deveria ter idade entre 32 e 37 anos, pertencer ao segmento socioeconômico médio, ser casado legalmente ou viver em união estável, há mais de três anos, e não possuir filhos.

Para a definição da faixa etária dos participantes tomou-se como base dados do IBGE (2013), que indicam que na atualidade homens e mulheres se casam em média com 31 e 29 anos respectivamente.

O contato inicial para a marcação das entrevistas foi feito por telefone. As entrevistas foram efetuadas, individualmente, em local determinado pelos participantes, e tiveram duração média de uma hora.

Cuidados éticos

O projeto que deu origem à pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido (processo n.º 2016-23). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, permitindo a utilização dos dados em ensino, pesquisa e publicação.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Do discurso dos participantes emergiram seis categorias de análise. Tendo em vista que o objetivo deste artigo é investigar o desejo de ter filhos e o processo de negociação sobre o projeto parental entre os membros do casal, nele serão apresentadas e discutidas as categorias: *ambivalência quanto ao desejo de filho e negociação entre os membros do casal sobre o projeto de filhos*. As demais serão apresentadas e discutidas em outros trabalhos.

2.2 Análise e discussão dos resultados

Ambivalência quanto ao desejo de filho

Durante muitos anos, a representação de ter filhos esteve vinculada à ideia de felicidade plena de um casal. Na atualidade, contudo, o projeto parental associado à realização e completude do casal vem passando por questionamentos, tal como ilustram os relatos abaixo:

“Não acho que um filho... a minha felicidade vai vir de um filho... eu sou muito feliz de não ter um filho, isso não é uma coisa que tira o meu sono, o que tiraria o meu sono é ter uma coisa... o filho não é uma coisa, mas é assumir um projeto, sem imaginar que eu estou pleno, ou que aquele é o momento ideal do projeto, que pode ser um projeto de responsabilidade do qual eu não quero arcar naquele momento, isso sim tiraria o meu sono, agora não ter [filho], não tira o meu sono.” - (Homem 1, 35 anos).

“Eu não acho que assim... ah com um filho meu casamento será mais feliz, não, a gente vai ter um outro tipo de felicidade. Uma criança vai assim, unir... não unir, ela vai ser o complemento da nossa família, vai fazer parte da nossa estrutura familiar maior, mas eu não serei mais feliz só por causa que tenho filho.” - (Mulher 3, 35 anos).

No contexto atual, os sujeitos parecem contestar a representação de que um filho tornaria o casamento mais feliz. Ao contrário, muitas vezes, a abnegação e as responsabilidades que a parentalidade carregam costumam impulsionar uma reanálise deste projeto. Assim, apesar de a maioria dos participantes deste estudo mencionar o desejo de um dia ter filho, os pontos negativos da parentalidade foram apontados, por eles, como fator importante para o adiamento deste projeto.

Assim, apesar de a maioria dos casais ainda optar por ter filhos (IBGE, 2015), parece que na atualidade os casais vêm buscando vivenciar outras experiências que podem ser tão gratificantes quanto ter um filho, tal como afirmam Caetano, Martins e Motta (2016). Deste modo, embora a vinculação entre a conjugalidade e a parentalidade ainda se mostre muito presente, já se pode observar uma mudança no sentido de uma maior aceitação de outras escolhas que não seja a de ter filhos.

Nota-se, então, uma possibilidade maior de escolhas entre os cônjuges. Contudo, há uma ausência de definições, o que traz como consequência incerteza e ambivalência quanto à condição escolhida (BAUMAN, 2004). Assim, apesar do atual poder de escolha acerca do projeto parental, reconhecemos uma mistura de sentimentos quanto à decisão, visto que ter filhos pode trazer inúmeros prazeres, entretanto uma série de responsabilidades.

A mesma ambivalência relacionada ao projeto parental, observada neste estudo, também foi encontrada na investigação desenvolvida por Fidelis e Mosmann (2013), realizada com cinco mulheres acima dos 45 anos que declararam ter optado por não serem mães. As autoras observaram que, dentre os motivos apontados pela escolha de não ter filhos estão: as responsabilidades e preocupações inerentes à parentalidade, e o aumento de trabalho e problemas que podem vir com o crescimento das crianças.

Ter filhos, deste modo, já não parece mais ser visto como fonte de realização e prazer, como foi socialmente difundido durante muito tempo. Ao contrário parece ser visto como fonte de extrema sobrecarga. Esse dado foi observado no estudo desenvolvido por Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) com quatro mulheres com o objetivo de entender como as mesmas encaravam a maternidade e a opção de adiá-la e/ou não ter filhos. A maternidade foi marcada, pelas participantes do referido estudo, de forma negativa em decorrência da responsabilidade que um filho acarreta. As mulheres que não tinham filhos

referiram não ter inveja do estilo de vida que as pessoas que têm filhos levam, em decorrência, justamente, da sobrecarga de trabalho.

No estudo desenvolvido por Andrade, Martins, Ângelo, Santos e Martini (2014), os autores também observaram resultados semelhantes. Dentre as maiores preocupações dos membros dos casais que têm filhos destacam-se a sobrecarga de trabalho, a diminuição das horas de sono e lazer, aumento das tarefas domésticas, aumento do estresse individual com as responsabilidades e a diminuição do tempo livre para si e para a realização de atividades sociais.

Assim, em decorrência da negatividade com que a parentalidade parece ser referida na atualidade, gera sentimentos ambivalentes aqueles que ainda não possuem filhos. Através do discurso dos participantes deste estudo, observou-se que a opção acerca de ter filhos é envolvida por dúvidas e questionamentos. Deste modo, apesar de na atualidade as pessoas sentirem-se mais livres para realizar escolhas, suas decisões ainda carregam muita incerteza.

Nesse sentido, a sociedade continua vinculando o casamento ao nascimento de filhos. Em especial, as mulheres em função da sua relação direta com a maternidade são as que mais enfrentam preconceito quando o casal decide não ter filhos (CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016). É interessante salientar que os estudos históricos raramente fazem referência à infertilidade masculina, o que sugere que os problemas reprodutivos do casal que não têm filhos seriam atribuídos a mulher (TRINDADE & ENUMO, 2002).

Assim, apesar das mudanças pelas quais a sociedade passou nas últimas décadas, o fato de um casal não ter filhos, permanece sendo culturalmente percebido como se os cônjuges não fossem plenamente felizes e supostamente completos. Isso talvez justifique os sentimentos ambivalentes observados neste estudo, visto que optar por não ter filhos ou tardar esta decisão é ir contra o modelo imposto pela sociedade, o que torna essa decisão ainda mais difícil.

Observa-se, assim, no discurso da maioria dos participantes deste estudo, ambivalências entre o desejo de ter ou não ter filhos. Ao mesmo tempo que parecem desejar ter filhos, eles pontuam aspectos dos quais precisarão abrir mão em prol das funções parentais.

“Eu ouço algumas pessoas falando, ah, eu larguei o meu emprego pelo meu filho, pessoas que tiveram que abrir mão da sua vida profissional, muita gente frustrada

por causa disso. Ah, eu larguei a faculdade no 4º semestre, ou eu fiz a faculdade e ai coloquei na gaveta o meu diploma... E ai hoje [o filho] tem 15 anos e eu tenho 40 anos e ai eu não estou mais preparada pro mercado. Você vê tantas pessoas que acham que não vão atingir a plenitude se não tiverem um filho, mas vê aquelas que acham que não atingiram a plenitude, justamente porque tiveram filho!” - (Homem 5, 34 anos).

“A gente deseja [ter filho], mas às vezes ela [esposa] acha que pode esperar um pouco mais, às vezes ela acha que não pode... mesmo ela querendo filho. Ela sabe que a decisão de ter filhos faria bem para o casal, que a gente ficaria feliz, mas em outra parte ela sabe que a gente perderia as mordomias que a gente tem hoje, as facilidades que a gente tem hoje como casal.” - (Homem 2, 34 anos).

Questionamentos com o mesmo viés foram observados no estudo desenvolvido por Patias e Buaes (2012), realizado com o objetivo de compreender como se constituem as identidades femininas de mulheres de classe média que optaram por não ter filhos. Para as mulheres entrevistadas, ter um filho seria assumir mais um compromisso. Nesse sentido, elas questionaram a ideia romântica de gratificação acerca da maternidade. As autoras concluíram que, dentre outros fatores, o trabalho e o tempo que uma criança demanda tendem a fundamentar a escolha por não ter filhos na atualidade.

Contudo, existe uma expectativa de ordem social pela continuidade geracional, na medida em que socialmente, espera-se que um casal tenha filhos. Esse aspecto foi pontuado pelos participantes, conforme pode ser observado nos relatos abaixo.

“Eu não consigo ver a gente casado sem filho, se alguma coisa interrompesse que a gente não pudesse ter filhos, hoje acho que a gente adotaria... ou talvez o casamento nem desse mais certo. Pra mim casamento tem que ter filho, ou nosso ou adotado. Eu acho que ter filho, é como uma evolução no casamento. Nosso namoro evoluiu, nosso noivado evoluiu e nosso casamento está evoluindo, e parte desta evolução é ter filho.” - (Homem 2, 34 anos).

“Há 10 anos atrás nem passava na minha cabeça essa questão de paternidade, isso vai avançando com o tempo, com as conquistas, com as experiências e é o momento agora, parece que tá sempre faltando alguma coisa e agora um filho, eu creio que fecharia tudo... o elo no nosso casamento.” - (Homem 3, 35 anos).

“Um filho seria para completar, porque a gente já é muito família, ai um filho só aumenta a sua família. Eu acho assim, que quando você casa, por conta das nossas formações familiares, eu acho que você tem que continuar aquilo, né, aumentar. Então pra gente faz parte do projeto, você está construindo uma família, eu acho que um filho faz parte dessa sociedadezinha menor.” - (Mulher 3, 35 anos).

Observa-se que ao mesmo tempo que ter filhos está estreitamente vinculado ao casar-se e constituir família, por outro lado, o conceito de família, para os entrevistados, é paradoxalmente desvinculado da presença de filhos.

“Eu não acho que marido e mulher sem filho não seria uma família, não acho que ter filho significaria a formação de uma família, o casal já é família, mas eu acho que [o filho] é como uma cereja no bolo... a criança significaria isso, mas não que não seja família só marido e mulher, mas eu acho que para ficar mais completa, mais feliz, pra mim seria pai, mãe e um filho.” - (Homem 5, 34 anos).

“Eu acho assim, que um casal também é uma família, tem as mesmas responsabilidades, a gente constrói uma casa, uma vida... Então fica aquela coisa, a minha família ainda é a minha mãe, meus pais, meus irmãos. Eu acho que isso é uma coisa um pouco meio antiga. Hoje em dia aumentou muito o número de casais que não querem ter filhos... Por que, que o filho tem que estar ali nesse meio pra ser uma família? O que, que falta assim num casal? Quando entra um filho o que, que muda na constituição de família? Não sei... não concordo com isso, acho que um casal pode ser uma família. Eu acho assim que o filho faz parte, mas não tem aquela coisa... ‘nasce uma família quando nasce um filho’, isso eu não concordo.” - (Mulher 1, 33 anos).

Conforme já discutido, as mudanças ocorridas nos arranjos familiares nos últimos anos impulsionaram uma transformação no conceito de família. Constatase, que para a maioria dos participantes, a noção de família repousa sobre o conceito de ter filhos, contudo, para outros (homem 5 e mulher 1), o próprio casal representaria família. Esses resultados confirmam a ambiguidade que também foi encontrada no estudo realizado por Sohne & Wendling (2011), com o objetivo de investigar o significado de família para casais que optaram por não ter filhos. As autoras observaram que para alguns sujeitos o próprio casal se apresenta como uma família, para outros, a família só se origina quando o casal tem filhos.

Apesar de existirem diversas formas de conceituar família, um consenso acerca de sua definição ainda parece ser algo bastante complexo, conforme já discutido. Afinal, embora existam diferentes compreensões acerca do ciclo vital familiar, a maioria delas engloba o desenvolvimento da fase adulta com a chegada dos filhos. Por esta razão, romper com esse ciclo tende a gerar sentimentos ambivalentes.

Observa-se que as vivências nas famílias de origem, seus valores e conceitos também contribuem para o sentimento ambivalente acerca da decisão de ter filhos. O discurso dos participantes ilustra o modo como essas vivências

marcam e acompanham as decisões do sujeito, influenciando, ainda que de modo inconsciente, a escolha ou não pela parentalidade.

“Tanto eu como ela [esposa], nós temos problemas na nossa raiz familiar, problemas de independência financeira e emocional, que fazem com que a gente se sinta pai. Pai e mãe, então assim, eu desde muito novo, eu assumi responsabilidades, eu tive responsabilidades paternas invertidas, né... com uma pessoa mais velha que eu, então quando alguém me pergunta se eu me sinto pai... Eu me sinto um pouco pai na verdade!” - (Homem 1, 35 anos)

“Eu fui confrontado com responsabilidades desde muito novo, e até hoje eu tenho essas responsabilidades dentro da minha família, eu meio que me sinto um pouco pai... de uma forma avessa, de um modelo diferente, mas eu me sinto nesse lugar, e isso faz com que também eu encare uma nova responsabilidade [ter um filho] de uma forma menos lúdica.” - (Homem 3, 35 anos).

Os dados acima corroboram a afirmação de Kaës (2001), segundo a qual, é impossível não transmitir aos filhos heranças familiares. Para Werlang (2009), as experiências das gerações anteriores consolidam valores, normas e regras da nova família, e são mantenedores do padrão de funcionamento familiar. Assim, os modos de se relacionar aprendidos no âmbito familiar se apresentam como modelo e tendem a se repetir e a influenciar na forma como o sujeito organiza sua vida e faz suas escolhas. Deste modo, heranças familiares e características da família de origem, permeiam as vivências e decisões do indivíduo.

Neste sentido, a organização da família está formada por uma rede de relações que é preexistente ao sujeito, assim, desde o momento da concepção o indivíduo está marcado pelo olhar dos pais, pelos seus ideais e pelos desejos familiares. A família, tem uma influência muito grande em relação à constituição subjetiva e às escolhas do indivíduo. Deste modo, as experiências na família de origem parecem balizar a construção da parentalidade na vida adulta.

Um dado interessante surgiu na fala dos homens 1 e 3, ao mencionarem que por terem se confrontado com responsabilidades familiares, desde muito precocemente, acabaram encarando as responsabilidades parentais como um peso. Parece que o fato de terem sido responsabilizados prematuramente por suas famílias de origem e, em alguma medida, vivenciado uma experiência de inversão geracional influenciou no atual desejo acerca de ter ou não filhos.

Negociação entre os membros do casal sobre o projeto de filhos

Com relação à negociação entre os membros do casal sobre o projeto de ter filhos, observa-se que ela acontece implicitamente, isto é, através da priorização de outros projetos de vida do casal, tais como comprar uma casa, viajar, estudar. Contudo, tanto os homens como as mulheres destacaram a importância da decisão acerca de ter ou não ter filhos ser dialogada e definida entre eles antes do casamento.

“Eu acho que tem que conversar antes de casar [sobre ter filho]. Eu tenho um amigo que a esposa não quer ter filho, então eles estão num momento muito difícil porque ele gostaria muito de ser pai, mas ela não quer ser mãe. Isso é muito complicado... é por essa razão que eu acredito que isso deva ser negociado antes do casamento.” - (Homem 2, 34 anos).

“Sempre, tudo no nosso relacionamento a gente conversou pra decidir juntos. Pra casar, pra ficar noivo, tudo foi sempre muito... a gente sempre pensou juntos. A gente não vai comprar apartamento agora porque tá muito caro, então a gente vai alugar. A gente pensa antes... nunca discuti em relação a isso... quanto a [ter] filho foi a mesma coisa, ambos já falavam sobre filho mesmo antes de casar, só não decidimos quando [ter filho].” - (Mulher 3, 35 anos).

Percebe-se que a decisão sobre quando ter filhos é pouco discutida entre os participantes e seus respectivos cônjuges após o casamento. Parece haver um acordo não verbal entre eles, no qual fica estabelecido que ambos irão investir em outros projetos, sejam pessoais ou profissionais, e só após a concretização destes, irão investir no projeto parental.

Contudo, não se pode perder de vista que o sujeito se comunica através de formas linguísticas verbais e não-verbais. Estas últimas se encontram diretamente ligadas a mecanismos inconscientes. De acordo com Bateson (1996), é impossível não se comunicar, o sujeito se comunica por meio de mensagens transmitidas implicitamente, que se revelam sempre, queira o sujeito ou não. Deste modo, a comunicação pode acontecer de modo verbal ou não, assim como uma fala pode ser direta, ou não, dependendo da postura, do gesto e da expressão de quem a expõe (FILHO, 2006). Neste sentido, trocas de sinais ou pequenas escolhas também emitem uma mensagem.

Assim, mesmo a mera ausência da fala expressa um importante comunicado (WATZLAWICK, BEAVIN & JACKSON, 1993). Isso implica

pensar que mesmo quando os cônjuges não conversam sobre o desejo de ter ou não filhos, a ausência de diálogo a respeito revela uma mensagem. O silêncio postural, ou qualquer outra forma de renúncia ou negação, também expressam um modo de comunicação. Reconhece-se, assim, que o silêncio e a não-comunicação na fala dos participantes sobre o projeto de ter filhos revela uma significativa mensagem.

Analisando esses aspectos, considera-se que o fato de o indivíduo contemporâneo ao se dedicar prioritariamente aos projetos pessoais ou profissionais, de modo explícito, ele emite ao parceiro a mensagem de que o projeto parental será postergado. Isso acontece sem necessariamente envolver a verbalização. Cabe ressaltar que a comunicação não é algo fundado apenas na singularidade, mas sim nas relações entre os sujeitos, assim ela é, sobretudo, relacional. Neste sentido, as pessoas não se comunicam, elas participam da comunicação (BORELLI, 2005). Considera-se que a ambivalência presente na decisão de ter filho pode justificar o fato de ela ser tão pouco verbalizada entre os membros do casal. Não falar sobre o assunto aparece, então, como possível justificativa pela não menção às dificuldades ou conflitos acerca da decisão sobre este projeto pelos participantes da pesquisa.

Entretanto, a falta de diálogo a respeito do projeto parental, entre os cônjuges, desde o início da relação, pode contribuir para o aparecimento de divergências entre eles, em especial, quando um deseja ter filhos e o outro não. Alguns relacionamentos, sobretudo, se rompem quando os cônjuges não chegam a um consenso acerca do projeto parental (CARMICHAEL & WHITAKKER, 2007; SILVA & FRIZZO, 2014). Neste sentido, observa-se que habilidades de comunicação entre os membros do casal podem ser um ponto forte no relacionamento conjugal contemporâneo. O diálogo favorece o entedimento frente às demandas atuais com altos níveis de conflito em decorência, especialmente, da busca pela harmonização entre trabalho e família (CARROLL, HILL, YORGASON, LARSON & SANDBERG, 2013).

Contudo, apesar das dificuldades em aliar as funções profissionais e familiares terem sido referidas pelos participantes do estudo, conforme já discutido, ter filhos ainda é algo que faz parte dos projetos de vida da maioria dos indivíduos (IBGE, 2015). A maior parte dos entrevistados se referem ao desejo de filho, pontuando, entretanto, uma indefinição acerca do tempo para sua efetivação.

“Pra mim o princípio de casar é ter filhos, eu não consigo pela criação que eu tive, eu não consigo visualizar uma família que não tenha filhos. Casar pra mim e pra ela é assim. Antes do casamento, já decidimos que teríamos filho. Casamos na igreja, e a igreja também te proporciona a pensar sobre isso. A discussão é o *time* disso [ter filhos]! Quando ter filhos...?!” - (Homem 2, 34 anos).

“Desde que nós nos casamos os dois sempre tiveram vontade de ser pais, desde quando a gente namorava a gente falava, mas nunca teve nada assim definido. A vontade a gente tinha, eu acho que a vontade é natural, mas nunca definimos muito tipo... ah depois de um ano de casado, dois vamos ter filho, isso não tinha... Definir quando ter [filho] isso é o mais difícil...” - Mulher 4, 37 anos).

Percebe-se que, apesar de a decisão em adiar o projeto parental parecer ter sido uma opção definida de modo consensual, isso não excluiu que surjam dúvidas quanto à opção acordada. Neste sentido, foi possível observar-se ambiguidades nas falas dos participantes como nas falas abaixo.

“Pra ele [marido] assim como pra mim, é algo que é decidido [não ter filho], mas é aberto... não sei, amanhã pode ser que mude...” - (Mulher 1, 33 anos).

“Desde o início a gente sempre conversou sobre isso e isso, e ficou bem esclarecido. Ele sempre me falou, se você quiser a gente vai adiante, mas se você não quiser eu estou aqui com você, eu nunca vou ser contra você, ah eu quero um filho e você não quer, não, ele diz que eu que decido, se eu quiser tudo bem, se eu não quiser nós vamos ficar nós dois e acabou.... Então, hoje não... quem sabe um dia né, quem sabe... [risos].” - (Mulher 5, 36 anos).

Apesar de aparentemente não haver conflitos conjugais acerca desta escolha, pôde-se observar conflitos em nível individual. Em especial, na fala das duas entrevistadas que verbalizaram a opção de não ter filhos (mulher 1 e mulher 5). Ambas se contradisseram durante grande parte da entrevista, ora relatando que a negociação de não ter filhos está concretizada, ora mencionando a possibilidade de um dia mudar de ideia acerca deste projeto. Constata-se, então, que existe algum nível de negação, mesmo inconsciente, que pôde ser observado durante as entrevistas. Desse modo, apesar de a negociação parecer de forma bastante harmoniosa, acredita-se que exista algum tipo de conflito que, entretanto, não foi explicitamente verbalizado pelos participantes.

Outro aspecto pontuado por eles, a favor da negociação entre o casal, é sentir-se preparado, seja emocionalmente ou financeiramente, para ter filhos.

“Eu acho que o importante pra mim é o casal já estar bem estabilizado, preparado, aí sim seria o momento ideal, pra uma coisa não atropelar a outra, ter

problemas financeiros e ainda ter que cuidar de um filho, problemas no relacionamento e ainda ter que compartilhar com a criação de uma criança... acho que o casal tem que estar com isso bem alinhado, decidir junto qual é o momento.” - (Homem 5, 34 anos).

“Nós nos casamos novos, então a gente queria mesmo projetar um futuro melhor para os filhos, então a ideia inicial era estudar, e aí a gente estava construindo casa, então tem todo um processo né. Estudo, casa... agora a gente se mudou, enfim a gente estava esperando se estruturar, estar mais preparado para ter filhos, isso facilitou, acho que agora estamos no momento certo [para ter filho].” - (Mulher 2, 35 anos).

Nesse sentido, observa-se que uma combinação de fatores é almejada como conquista prévia para a inclusão de uma criança na vida de um casal. A possibilidade de um emprego com melhor recompensa financeira, um título acadêmico, a conquista da casa própria, dentre outros, parecem ser fatores que conduzem à escolha pelo adiamento do projeto parental de forma bastante naturalizada entre os membros do casal na atualidade.

2.3 Considerações finais

Durante um longo período, a parentalidade e a conjugalidade foram estreitamente relacionados. Na atualidade, contudo, a sexualidade vem se dissociando da procriação, de tal forma que o casal pode, não só, controlar o número de filhos que deseja, como optar por tê-los ou não. Nessa direção, o casal contemporâneo parece ter outras opções de realização que não se vinculam à parentalidade. Por esta via de abertura, os cônjuges podem investir na vida pessoal, profissional ou, mesmo, na relação amorosa, como fonte de grande realização e satisfação.

Contudo, apesar de novas possibilidades terem se aberto para o casal decidir se quer ter filhos, antigas visões, atrelando realização conjugal à parentalidade ainda são muito presentes. Considera-se que hoje o projeto parental começa a ser observado mais como opção do que como definidor da identidade conjugal, ainda que pressões neste sentido ainda se mostrem muito presentes. Desse modo, cabe refletir sobre o real direito, adquirido pelo casal, de optar por ter ou não ter filhos.

A sociedade vem passando por transformações em relação ao que se entende por família e por maternidade/paternidade. Assim, apesar de os membros

do casal ainda sofrerem pressão para se tornarem pais, parece que essa questão está começando a se relativizar. Consta-se que o casal ainda está aprendendo a lidar, não apenas com a pressão acerca da parentalidade, mas também, com os sentimentos decorrentes dos questionamentos advindos do ambiente à sua volta.

Constata-se que em decorrência da existência de projetos conjugais vinculados ao lazer do casal e de projetos profissionais compartilhados por ambos, a negociação acerca da parentalidade vem acontecendo sem maiores conflitos. Contudo, as ambivalências observadas na pesquisa conduzem à seguinte reflexão: estariam os casais atuais realmente sentindo-se livres para a escolha de ter filhos? Esse questionamento reflete a importância da realização de novos estudos que busquem aprofundar a discussão sobre o tema, ampliando a reflexão sobre as percepções de homens, não somente de mulheres, como a maior parte dos estudos vem enfatizando na literatura sobre o tema.

Desse modo, uma das limitações deste estudo se deve ao fato de não se encontrar um número significativo de pesquisas nacionais abordando o adiamento do projeto parental na perspectiva do casal. A maior parte dos estudos brasileiros investiga o adiamento da maternidade, ou seja, discute em especial a perspectiva da mulher sobre esta questão. Existem, portanto, poucas pesquisas explorando a percepção masculina acerca do adiamento e o desejo de ser pai (HADLEY & HANLEY, 2011). Com isso, sugere-se a realização de novos estudos, enfatizando a perspectiva dos cônjuges, tendo em vista a escassez de publicações nacionais acerca desta temática.

3. Satisfação conjugal e liberdade: percepções de sujeitos casados acerca da ausência de filho

Resumo

Este estudo tem por objetivo investigar as percepções de sujeitos casados acerca da ausência de filhos na atualidade, a partir de resultados de uma pesquisa mais ampla, por meio da qual se investigou o adiamento do projeto parental. Participaram da pesquisa dez sujeitos, cinco homens e cinco mulheres de classe média, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos, sem filhos. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo. Da análise do material, emergiram seis categorias de análise: *motivos para o adiamento do projeto de ter filhos, motivos para o não adiamento do projeto de ter filhos, ambivalência quanto ao desejo de filho, negociação entre os membros do casal sobre o projeto de filhos, satisfação conjugal de casais sem filhos e sociedade e o projeto de ter filhos*. Tendo em vista os objetivos do presente trabalho, serão apresentadas e discutidas as duas últimas categorias. Os resultados apontaram que, na atualidade, casais sem filhos acreditam ter um nível mais elevado de satisfação no relacionamento conjugal. Conclui-se que, apesar de a sociedade atual aceitar com mais naturalidade a opção dos casais de não ter filho, ainda assim, há uma cobrança muito grande acerca deste projeto, visto que a escolha pela não parentalidade interrompe a continuidade geracional.

Palavras-chave: satisfação conjugal, casal, sociedade, ausência de filhos.

Abstract:

This study aims to investigate the perceptions of married individuals about the absence of children today, based on the results of a broader research, through which the postponement of the parental project was investigated. Ten subjects, five men and five middle-class women, members of distinct couples, aged 33 and 37 years, who do not have children participated in the study. The results were analyzed according to the content analysis method. From the analysis of the material, six categories of analysis emerged: *motives for postponing the project of having children, motives for not postponing the project of having children, ambivalence about the desire for children, negotiation among the members of the couple on the project of children, marital satisfaction of couples without children and society and the project of having children*. Considering the objectives of this paper, the last two categories will be presented and discussed. The results showed that, currently, couples without children believe they have a higher level of satisfaction in the marital relationship. We conclude that although today's society accepts more naturally couple's choice of not having a child, there is still a lot of pressure regarding this project, since the choice for non-parenting interrupts the generational continuity.

Keywords: marital satisfaction, couple, society, absence of children.

O estabelecimento do vínculo conjugal contempla a administração da individualidade dos parceiros e as expectativas e motivações que os mesmos estabelecem no relacionamento. Por meio da união conjugal, os cônjuges buscam criar um espaço para realização de necessidades de afeto, lealdade e intimidade. A escolha do cônjuge costuma ser motivada pela busca de satisfação de desejos. Esta eleição é baseada em aspectos inconscientes (ANTON, 2012). Em seu início, toda relação conjugal carrega a crença ilusória de que os membros do casal se tornarão satisfeitos de modo completo em suas necessidades (WHITAKER, 1990).

Contudo, a satisfação em um relacionamento depende de diversas variáveis, tais como: as experiências na família de origem, as características de personalidade, a fase do ciclo vital em que o casal se encontra, dentre outras (MOSMANN, ZORDAN & WAGNER, 2011). Assim como o casamento se transforma ao longo do ciclo de vida familiar, o nível de satisfação também tende a variar com o decorrer dos anos e do convívio relacional entre os parceiros (NORGREN, SOUZA, KASLOW, HAMMERSCHMIDT & SHARLIN, 2004).

É importante ressaltar que os conceitos de satisfação, qualidade e ajustamento conjugal aparecem conceitualmente relacionados na literatura. (ROSADO & WAGNER 2015). Muitas vezes esses termos são usados como sinônimos, sem que exista um conceito único aceito e reconhecido pelos pesquisadores da área (MOSMANN, ZORDAN & WAGNER, 2011). Esses conceitos partem de constructos subjetivos, o que torna difícil uma definição consensual sobre cada um deles. Apesar de amplamente utilizados, observa-se uma falta de clareza acerca de cada conceito (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006; MOSMANN, ZORDAN & WAGNER, 2011).

A dificuldade na delimitação desses conceitos é proveniente da subjetividade envolvida na avaliação do que cada sujeito considera como satisfatório em um casamento. A satisfação no relacionamento conjugal não pode ser definida apenas pela percepção e análise dos cônjuges acerca do casamento. Ela é resultado de um processo mais amplo, dinâmico e interativo. Para este estudo, privilegiou-se o uso do conceito satisfação conjugal, compreendendo que ela depende de diferentes variáveis ligadas à subjetividade de cada membro do casal.

Percebe-se que alcançar a satisfação conjugal é um objetivo cada vez mais almejado pelos casais hoje (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2010; DRIVER, TABARES, SHAPIRO & GOTTMAN, 2016). Na atualidade, observa-se que a satisfação conjugal é relacionada pelos sujeitos sobretudo à satisfação das necessidades individuais. O individualismo, marca da sociedade contemporânea, tem modificado o modo de os indivíduos se relacionarem. A intensidade e a velocidade das mudanças na sociedade atual abriram a possibilidade para relacionamentos mais efêmeros, baseados na grande oferta de momentos prazerosos e na necessidade de satisfação imediata (NETO, STREY & MAGALHÃES, 2011).

Os valores das famílias, em especial daquelas das camadas médias, vêm se redefinindo devido às relações mais igualitárias observadas na atualidade. O antigo modelo de família, que vigorou durante décadas, composto pelo homem provedor e a mulher submissa, se modificou. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que laços de dependência entre eles (FÉRES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2010). Nesta perspectiva, observa-se que as transformações pelas quais a sociedade passou o longo dos anos conduziram mudanças no modo de se estabelecer vínculos afetivos na atualidade.

Diferentes aspectos são considerados hoje para o estabelecimento de um relacionamento conjugal; dentre eles, a satisfação das necessidades pessoais. Além disso, dentre as variáveis consideradas favoráveis para a satisfação no relacionamento conjugal, está a renda financeira dos membros do casal, sendo que, quando estão satisfeitos com seus ganhos financeiros, eles tendem a sentir-se mais satisfeitos com a relação conjugal (ATWOOD, 2012). O modo negativo como a parentalidade é referida na atualidade é, em grande parte, associado aos custos financeiros que um filho gera (STANCA, 2012; HANSEN, 2012). Assim, é importante lembrar que a chegada de uma criança envolve um elevado custo, podendo, deste modo, ser um significativo fator que diminui a satisfação com o relacionamento.

De fato, os cônjuges que até então investiam financeiramente no lazer do casal, com a chegada de um bebê passam a depositar suas economias na criança, o que pode gerar insatisfação. Além da diminuição da satisfação com a própria situação financeira, a parentalidade tem sido associada ao aumento dos conflitos

conjugais, à diminuição da satisfação com o relacionamento e ao aumento de casos de depressão (KLUWER & JOHNSON, 2007; HERNANDEZ & HUTZ, 2009; HANSEN, 2012; STANCA, 2012).

Assim, dentre os diferentes fenômenos que podem contribuir negativamente para o bem-estar do casal está a inclusão de filhos na relação a dois. Atualmente, diferentes estudos acerca da transição da conjugalidade para a parentalidade abordam as dificuldades no que diz respeito ao estabelecimento dos papéis parentais e conjugais a partir da chegada de uma criança (BARBIERO & BAUMKARTEN, 2015; DON & MICKELSON, 2014; TRILLINGSGAARD, BAUCOM & HEYMAN, 2014). Com isso, não é incomum encontrar-se casais com baixos níveis de satisfação na relação conjugal, relacionando esse fato ao nascimento dos filhos (MOSMANN, ZORDAN & WAGNER, 2011).

Em uma meta-análise realizada por Mitnick, Heyman e Smith (2009), que acompanhou casais da gestação ao nascimento do primeiro filho, os autores concluíram que há significativos declínios na satisfação com o relacionamento, tanto para homens quanto para mulheres, em especial, até o 11º mês de nascimento do bebê. Observa-se, assim, que o nascimento de um filho diminui a satisfação e o bem-estar do casal, em especial, quando os filhos são menores. No entanto, poucas pesquisas têm investigado as variações na satisfação de pais com filhos crianças ou adultos. Cabe ainda apontar que estudos analisando as gratificações da parentalidade são escassos, a maior parte das pesquisas científicas tem focado em examinar as demandas negativas inerentes à parentalidade (NOMAGUCHI, 2012).

É importante lembrar que, até pouco tempo atrás, ter filhos não era algo opcional na vida de um casal; não se questionava, inclusive, se um filho poderia influenciar de modo positivo ou negativo no relacionamento conjugal. Na década de 1950, ter filhos era definido como um comportamento típico de todo adulto casado. As normas sociais coercitivas colocavam que todo casal deveria ter filhos. Podia-se até optar por não tê-los, mas arcando com o ônus de ser socialmente criticado e questionado (BARDWICK, 1981).

Inúmeras transformações sociais, dentre elas, o surgimento da pílula anticoncepcional, a reprodução assistida e as novas configurações familiares permitiram desvincular conjugalidade e parentalidade. Na atualidade, os membros do casal podem decidir se querem ou não ter filhos. Observa-se que hoje, os

parceiros refletem sobre como seria a chegada de uma criança e de que modo ela afetaria o relacionamento conjugal (TWENGE, CAMPBELL & FOSTER, 2003).

O nascimento de um filho transforma a identidade do casal conjugal, redefinindo-a com o intuito de abarcar também as funções inerentes à parentalidade. Deste modo, a chegada de um bebê é marcada por acentuadas mudanças no relacionamento conjugal. Esse momento de transição pode impactar negativamente o relacionamento conjugal (POLLMANN-SCHULT, 2014). De acordo com Hintz & Baginski (2012), o nascimento de uma criança traz novas funções para o homem e a mulher, sendo necessário um período de adaptação. O bebê, deste modo, inaugura uma série de novos papéis na família.

Com a chegada de um filho, o casal, que até então era apenas marido e mulher, torna-se pai e mãe (BARBIERO & BAUMKARTEN, 2015; MENEZES & LOPES, 2007). Nesta fase, o bebê depende dos cuidados parentais, e grande parte do tempo do casal é destinado à criança. Durante um período, as necessidades do bebê são assim priorizadas, levando o casal a abrir mão das suas próprias necessidades (PRADO, 1996), o que costuma acarretar em uma diminuição na satisfação conjugal (MENEZES & LOPES, 2007; HERNANDEZ & HUTZ, 2009, DRIVER, TABARES, SHAPIRO & GOTTMAN, 2016).

A chegada de uma criança, desse modo, requer um certo isolamento para os cuidados iniciais ao bebê. Além disso, o contato social é mantido de lado, contribuindo negativamente para a satisfação no relacionamento conjugal. Casais sem filhos, por sua vez, apresentam um nível maior de coesão que pode ser relacionado ao fato de a atenção de casais sem filhos ser focada exclusivamente no cônjuge, diferentemente de casais com filhos, onde a energia é investida prioritariamente na criança (SOMERS, 1993).

Nesse sentido, o nascimento de um filho pode ser vivenciado como um peso para o casal, uma vez que os cônjuges precisam abdicar do tempo que destinavam à relação a dois. Em contrapartida, parece que casais sem filhos têm mais tempo para vivenciar a relação a dois, aumentando assim a satisfação na relação conjugal.

Frente a essas questões e os avanços da medicina, que permitiram a dissociação entre sexualidade e procriação (CHATEL, 1995), a conjugalidade passou a ser pautada, em especial, por escolhas pessoais. Com isso, aumentou o número de pessoas que optam por não abdicar da relação a dois em prol da

parentalidade, fazendo assim a opção de não ter filhos (RIOS & GOMES, 2009a; LIMA, 2013).

De fato, o surgimento da pílula anticoncepcional, por volta dos anos 1960, com a chamada revolução sexual e o movimento feminista, muito contribuíram para a abertura da possibilidade de ter ou não ter filhos. Contudo, a realização da parentalidade sempre esteve articulada a discursos sociais e ideológicos, não dependendo apenas da capacidade reprodutiva de homens e mulheres (NASCIMENTO & TERZIS, 2010).

Assim, apesar de atualmente os casais terem maior liberdade para decidir se querem ou não ter filho, já que sexualidade e procriação não mais se complementam (CHATEL, 1995), eles continuam sendo questionados acerca deste projeto (RIOS & GOMES, 2009a; LIMA, 2013). Em decorrência de a maternidade ser culturalmente valorizada em nossa sociedade, a decisão de não ter filhos gera um sentimento de surpresa na maioria das pessoas (LEITÃO & RIBEIRO, 2007).

Neste sentido, as pessoas que decidem adiar o projeto de ter filhos ou optam por não tê-los costumam vivenciar pressões sociais, uma vez que, ser diferente do que é socialmente esperado não costuma ser bem aceito. Assim, a escolha pelo adiamento ou a não parentalidade é, muitas vezes, interpretada como anormal ou egoísta (CAETANO, MARTINS E MOTTA, 2016; RIOS & GOMES, 2009b).

A sociedade observa a parentalidade como algo central para que uma pessoa tenha uma vida significativa e satisfatória; além disto, a vida de pessoas sem filhos seria menos gratificante. As evidências do estudo desenvolvido por Hansen (2012), no entanto, sugerem que pessoas sem filhos seriam mais felizes e satisfeitas.

No âmbito dessas considerações, o presente estudo, que é parte de uma investigação mais ampla sobre o adiamento do projeto parental na atualidade, tem como objetivo investigar as percepções de sujeitos casados acerca da ausência de filhos na atualidade.

3.1 Método

Participantes

Participaram do estudo cinco homens e cinco mulheres de classe média, membros de casais distintos, com idades entre 33 e 37 anos, casados legalmente ou não, há mais de três anos, sem filhos e residentes na cidade do Rio de Janeiro ou região metropolitana. Para apresentação dos resultados, eles foram nomeados de Homem 1 a Homem 5, e Mulher 1 a Mulher 5. A Tabela 1 apresenta a descrição do perfil dos participantes.

Tabela 1

	Participantes	Idade	Idade do (a) cônjuge	Profissão	Tempo de casado	Nível de escolaridade
Homens	H1	35 anos	34 anos	Administrador	5 anos	Mestrado
	H2	34 anos	34 anos	Economista	3 anos	Especialização
	H3	35 anos	34 anos	Economista	3 anos e meio	Mestrado
	H4	36 anos	35 anos	Farmacêutico	7 anos	Graduação
	H5	34 anos	34 anos	Advogado	4 anos	Especialização
Mulheres	M1	33 anos	34 anos	Psicóloga	3 anos	Especialização
	M2	35 anos	36 anos	Advogada	13 anos	Especialização
	M3	35 anos	37 anos	Contadora	5 anos	Mestrado
	M4	37 anos	38 anos	Nutricionista	3 anos e meio	Doutorado
	M5	36 anos	39 anos	Vendedora	6 anos	Graduação

Instrumentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas teve 10 perguntas como base e foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas sobre os seguintes eixos temáticos: percepções sobre a família de origem, conceito de família, concepções sobre maternidade/paternidade, perspectivas de projeto parental, desejo de filho e lugar do filho no projeto de vida do casal.

Procedimentos

Os participantes deste estudo foram indicados pela rede de relacionamento dos membros do grupo de pesquisa, constituindo uma amostra de conveniência. Como critério para participação no estudo, o sujeito deveria ter idade entre 32 e 37 anos, pertencer ao segmento socioeconômico médio, ser casado legalmente ou viver em união estável, há mais de três anos, e não possuir filhos.

Para a definição da faixa etária dos participantes tomou-se como base dados do IBGE (2013), que indicam que na atualidade homens e mulheres se casam em média com 31 e 29 anos respectivamente.

O contato inicial para a marcação das entrevistas foi feito por telefone. As entrevistas foram efetuadas, individualmente, em local determinado pelos participantes, e tiveram duração média de uma hora.

Cuidados éticos

O projeto que deu origem à pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido (processo n.º 2016-23). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, permitindo a utilização dos dados em ensino, pesquisa e publicação.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Do discurso dos participantes emergiram seis categorias de análise. Tendo em vista que o objetivo deste artigo é investigar as percepções de sujeitos casados acerca da ausência de filhos na atualidade, nele serão apresentadas e discutidas as categorias: *satisfação conjugal de casais sem filhos e sociedade e o projeto de ter filhos*. As demais serão apresentadas e discutidas em outros trabalhos.

3.2 Análise e discussão dos resultados

Satisfação conjugal de casais sem filhos

Ao serem questionados sobre uma perspectiva futura a respeito do projeto de ter filhos, a maioria dos entrevistados pontuou o desejo de tê-los. Entretanto,

justificaram o adiamento deste projeto em decorrência do investimento em outros planos relacionados primordialmente ao lazer do casal.

“A gente está junto há muitos anos... a gente viaja, sai pra jantar, dançar, sei lá eu acho que a gente coloca a nossa energia em outras coisas. Tem gente que nem se constituiu como casal... tem um buraco ali, daí parece que precisa colocar um filho ali. A gente se concentra em outros projetos e acho que isso vem dando certo por isso não tivemos filho até hoje.” - (Mulher 1, 33 anos).

“Hoje temos um tempo bom para nós, para curtir o nosso relacionamento, acho que com o filho isso provavelmente mudaria. Eu acho que o nosso tempo junto diminuiria por conta de uma criança.” - (Homem 4, 36 anos).

“Antes de ter filho é isso, curtir a vida de casado, ter uma casa própria, poder viajar bastante, curtir a vida de casal mesmo, só os dois, sem filhos, e é isso que nos estamos fazendo hoje, curtindo o casal.” - (Homem 5, 34 anos).

Constatou-se que a maioria dos participantes percebe que a chegada de um filho diminuiria o tempo dedicado ao casal. Esse resultado corrobora a meta-análise realizada por Twenge, Campbell e Foster (2003) que, analisando a satisfação conjugal em casais com e sem filhos, concluíram que casais com filhos relatam menor satisfação conjugal se comparados com casais sem filhos, em decorrência da diminuição no tempo para a relação conjugal e o aumento das responsabilidades. Hove também uma correlação negativa entre a satisfação conjugal e o número de filhos, sendo menor quando o número de filhos aumenta. O efeito da parentalidade na satisfação conjugal também foi observado como mais negativo entre grupos de maior nível socioeconômico, e os que tiveram filhos quando eram muito jovens.

Dados semelhantes foram observados no estudo realizado por Connidis e McMullin (1999), com uma amostra de 287 sujeitos sem filhos e com idade superior a 55 anos. As autoras observaram que algumas das vantagens em não ter filhos são: menos preocupações, benefícios financeiros, maior liberdade e mais tempo para o casal.

Do mesmo modo, neste estudo, as responsabilidades acerca dos papéis parentais foram mencionadas pelos participantes como um fator que influencia no adiamento ou mesmo na decisão de não ter filhos.

“Eu vejo assim... [ter filho] uma coisa muito trabalhosa, eu acho que é uma responsabilidade muito grande, um trabalho muito grande. Eu sou uma pessoa que gosta muito de dormir, por exemplo, se eu posso acordar meio dia, eu acordo

meio dia. E ai eu penso assim... se eu tiver um filho eu nunca mais vou poder dormir na minha vida!” - (Mulher 1, 33 anos).

“Eu acho que o filho é a maior responsabilidade que alguém pode ter na vida, né... eu até brinco com a minha esposa, enquanto você não tem filho eu acho que assim... a vida é mais leve, acho que a chegada de um filho muda tudo, você tem que rever suas decisões. Ter um filho é o maior projeto que você pode ter na sua vida... Para mim é o projeto mais ousado que um ser humano pode ter porque envolve muitas responsabilidades...” - (Homem 1, 35 anos).

A parentalidade é uma das maiores mudanças na vida de um casal, pois ao tornar-se pai e mãe, os sujeitos se tornam progenitores de uma nova família (MENEZES & LOPES, 2007). Neste sentido, ter um filho, mesmo quando este é um projeto do casal, pode já representar no imaginário dos futuros pais, um momento de transformação e de novas responsabilidades na vida a dois.

Na atualidade, a família passa por um momento de questionamentos acerca da tarefa de educar uma criança (WAGNER, 2003; REICHERT, 2011). Este aspecto salienta a insegurança acerca da responsabilidade parental. As atribuições advindas da parentalidade parecem conduzir muitos casais a repensar, ou mesmo a renunciar ao projeto de ter filhos. Esse dado foi observado na investigação realizada por Leitão e Ribeiro (2007), que teve como objetivo analisar os fatores que influenciam a decisão de casais de terem ou não filhos. De acordo com as autoras, dentre outros fatores, as responsabilidades inerentes à parentalidade influenciam de maneira significativa a decisão de casais de não ter filhos.

As responsabilidades que a parentalidade traz parecem direcionar os casais atuais a investir em outros projetos, considerados por eles mais satisfatórios, antes do projeto parental. Além das preocupações, que as funções parentais carregam, foram pontuadas a perda da intimidade entre os membros do casal e a diminuição da satisfação no relacionamento com a chegada de uma criança.

“Acho que tem um ponto negativo [ao ter filho], o casal perde um pouco da intimidade quando tem um filho. Eu acho que a gente perde um pouco da facilidade, que nem eu e minha esposa a gente decide viajar final de semana, a gente pega e vai, então a gente pode fazer isso, com um filho eu acho que não vai poder, pelo menos no começo porque o filho requer mais cuidados.” - (Homem 2, 34 anos).

“Eu acho que um filho hoje mudaria muita coisa... hoje eu acho que a gente tem uma qualidade, um para com o outro, uma qualidade maior de relacionamento. Tem um tempo mais disponível, um para o outro. A gente já tem uma vida

agitada, ela [esposa] está estudando e trabalhando, eu também... e aí o momento que sobra livre a gente está curtindo um ao outro.” - (Homem 1, 35 anos).

Em estudo desenvolvido com famílias portuguesas que possuíam filhos, realizado com o objetivo de compreender as transformações da parentalidade e dos cuidados com as crianças, Marques e Torres (2009) encontraram resultados semelhantes. A diminuição do tempo para investimento em projetos de lazer do casal, após o nascimento de um filho, foi considerada como um “roubo” à relação a dois, haja visto que, após seu nascimento, a criança passa a ser o centro das atenções, colocando o (a) cônjuge em segundo plano.

A chegada da criança tende a gerar uma mudança na rotina, pois altera o ritmo de vida do casal, podendo diminuir sua autonomia e liberdade. O nascimento dos filhos, com a alteração de hábitos que geralmente acarreta, tende a levar ao sacrifício de um ou de ambos os cônjuges (MARQUES & TORRES, 2009). Além do afastamento entre os membros do casal, proveniente do exercício das funções parentais, ter filhos também foi pontuado como um possível estresse no relacionamento conjugal.

“Eu acho que um filho mudaria muito a nossa questão de rotina porque eu não tenho hora pra sair do trabalho. Eu chego aqui e às vezes saio as 20:00 horas e com um filho eu não vou poder fazer isso. A criança tem horário na creche, você tem que ir buscar, você tem que dar atenção pro seu filho, então isso mudaria muito. Talvez representasse um pouco de estresse. Isso me preocupa muito, ter um filho hoje, como é que eu iria fazer?!” - (Mulher 3, 35 anos).

Apesar de o nascimento de um filho ser considerado um evento natural no ciclo de vida dos indivíduos, ele pode ser fonte de muito estresse, em decorrência das exigências de cuidado que um bebê exige e das necessidades de reorganização individual, conjugal e familiar que a parentalidade impõe (MOURA-RAMOS & CANAVARRO, 2007; COWAN & COWAN, 2016). É comum o aumento dos conflitos conjugais após o nascimento do primeiro filho, contudo, tais conflitos são considerados como uma “crise” normal, inerente à transição para a parentalidade (MILLER & SOLLIE, 1980).

Conforme já mencionado, o estresse decorrente da sobrecarga de trabalho e o aumento das responsabilidades, que o exercício parental demanda, podem ocasionar o declínio da satisfação conjugal (BARBIERO & BAUMKARTEN, 2015; DON & MICKELSON, 2014; TRILLINGSGAARD, BAUCOM &

HEYMAN, 2014). Na meta-análise realizada por Mitnick, Heyman e Slep (2009) com casais com e sem filhos, os autores também observaram declínio na satisfação com o relacionamento na transição para a parentalidade. Contudo, os autores observaram, também, que o declínio na satisfação conjugal, ao longo do tempo, não difere entre casais que têm filhos e os que não têm. Entretanto, estimou-se, no estudo em questão, que as mudanças exigidas dos que se tornam pais tendem a acelerar o declínio da satisfação com o relacionamento, apesar de ocorrer declínios em ambos os grupos. Esses dados, por sua vez, indicam que a diminuição da satisfação conjugal entre os que se tornaram pais pode não estar relacionada unicamente à transição para a parentalidade, visto que aqueles que não se tornam pais experimentam uma diminuição semelhante na satisfação com o relacionamento.

Sociedade e o projeto de ter filhos

Ao longo dos anos, foi se desconstruindo a estreita relação entre parentalidade e conjugalidade, passando o projeto de ter filhos a ser uma opção aos membros do casal. Atualmente, os parceiros podem decidir com maior liberdade se querem ou não ter filhos ou quando tê-los. Contudo, ainda há muitos questionamentos da sociedade para aqueles que tardam este projeto ou optam por não ter filhos.

“A nossa família sempre cobra, sempre há essa cobrança, os amigos perguntam né. É assim mesmo, quando está noivo perguntam quando você vai casar, quando está casado perguntam quando você vai ter filho, quando tem o primeiro perguntam quando vai ter o segundo...” - (Mulher 2, 35 anos).

“A gente sempre escuta, ah porque eu quero ser avó, meu pais sempre dizem, ah eu vou morrer sem conhecer meus netos, ai eu dou logo um passa fora.” - (Mulher 3, 35 anos).

Observa-se que, apesar da aparente liberdade que o casal possui acerca do projeto parental, isso não os livra de constantes questionamentos sociais acerca deste projeto. Parece haver, deste modo, uma expectativa de ordem social que configura como família apenas o casal que possui filhos (SOHNE & WENDLING, 2011).

Apesar dos desagradáveis questionamentos com que os participantes relataram se deparar, foi mencionado por eles que, com o tempo, aprendem a lidar com as perguntas alheias acerca do projeto parental. Entretanto, há um incômodo maior acerca dos questionamentos, em especial, para o casal que está tentando ter filhos.

“Isso já está me incomodando. Eu estou começando a ficar um pouco enjoada com essas brincadeiras, embora sejam poucas. Meu marido também não gosta. Porque na verdade eu parei a pílula... acho que foi em setembro, vamos botar aí por alto 5 meses tentando, então as perguntas, elas influenciam. Aí a cada mês que eu não consigo engravidar isso mexe comigo... embora eu esteja tentando há cinco meses” - (Mulher 4, 37 anos).

Percebe-se assim, um sentimento de pressão muito maior acerca das perguntas alheias, quando o casal está tentando engravidar. A fala da mulher 4 mostra que o peso dos questionamentos sociais, acerca do projeto parental, torna-se mais incômodo quando o casal está vivenciando esse processo.

Constatou-se que os questionamentos têm outro sentido para o casal que está tentando ter filhos. As perguntas parecem não ter a mesma representação quando o casal não está neste processo. Dessa forma, percebe-se que, quando estão tentando efetivar o projeto parental, os casais se sentem mais pressionados e incomodados com a intromissão alheia, talvez porque as pressões sociais vão de encontro com as suas próprias pressões.

Além dos questionamentos gerarem incômodos, observou-se que os participantes se sentem recriminados, em especial por suas famílias, quando ainda não possuem filhos. As mulheres do estudo de Fidelis e Mosmann (2013) mencionaram sentimento semelhante. Segundo as autoras, todas as participantes do estudo declararam sentir-se socialmente discriminadas, em especial, quando afirmavam não desejar ter filhos.

O mesmo dado foi observado no estudo desenvolvido por Caetano, Martins e Motta (2016), realizado com cinco casais que também pontuaram se sentir marginalizados em decorrência da escolha de não ter filhos. De acordo com as autoras, uma das formas de enfrentamento vivenciada pelos casais estudados acerca dos questionamentos sobre o projeto parental foi a negação de que esta seja uma decisão definitiva.

O preconceito acerca da escolha por não ter filhos parece se manifestar de três formas. A primeira refere-se à negação, quando se evita falar sobre o assunto.

A segunda ocorre quando as pessoas tentam convencer o casal de que aquela escolha não é a mais sensata. E, finalmente, quando há uma condenação, mesmo que velada ou indireta, acerca da opção tomada pelo casal (CAETANO, MARTINS E MOTTA, 2016). Entende-se que o fato de os casais necessitarem omitir sua decisão revela que a sociedade ainda é bastante preconceituosa em relação à configuração familiar de casais que optam por não ter filhos. Em especial, as mulheres tendem a ser mais discriminadas quando optam por não ter filhos.

A maior incidência de estigmatizações e preconceitos sobre as mulheres pode estar relacionada à maior cobrança acerca da maternidade. A percepção de que há um instinto de amor materno (BADINTER, 1980) por parte da mulher parece dificultar a aceitação de que a experiência acerca da maternidade possa ser recusada por elas (RIOS & GOMES, 2009b). Estudos históricos raramente fazem referência à infertilidade masculina, o que sugere que os problemas reprodutivos do casal são atribuídos à mulher que, tradicionalmente, quando não tinha filhos era referida como “tronco oco” (TRINDADE & ENUMO, 2002).

Desse modo, quando a decisão de não ter filhos é assumida pela mulher, parece ser ainda mais difícil assimilar a ideia sem que isso traga a emissão de juízos negativos. Há no discurso social um entendimento que não concebe a possibilidade de alguém “bom”, em especial uma mulher, recusar a experiência da maternidade (CAETANO, MARTINS & MOTTA, 2016).

Por outro lado, foi demarcado pelos participantes deste estudo que, apesar dos questionamentos sociais acerca do projeto de ter filhos, a sociedade atual concebe de melhor forma a possibilidade de um casal decidir não ter filhos.

“Eu acho que a gente está numa época em que as coisas mudaram, antigamente não tinha isso de pensar... será que eu vou ter filho? Não, as pessoas simplesmente tinham filhos! E já hoje em dia a gente se questiona muito, sobre ter ou não ter filho. Hoje em dia que eu acho que está aumentado a possibilidade das pessoas não quererem ter filho, a cobrança ainda existe, existe um espanto... As pessoas perguntam porque você não quer ter filho... Porque eu não quero! É meu direito não querer! Eu quero outros projetos para minha vida.” - (Mulher 1, 33 anos).

“Atualmente com frequência eu vejo reportagens em que as pessoas falam que esse não é o projeto de vida delas, elas não querem ter filhos e ponto. Estou bem comigo mesmo, estou bem com meu o cônjuge. Independente do gênero as pessoas estão optando por viver sem filhos. Essa já é uma realidade na nossa

sociedade, o importante é o casal estar bem com a sua decisão.” - (Homem 3, 35 anos).

Conforme já discutido, durante um longo período, ter filhos era socialmente esperado entre os sujeitos que se casavam. As normas sociais estabeleciam que todo casal deveria ter filhos. Quando optavam por não tê-los, os membros do casal eram socialmente criticados, e acreditava-se que eles eram inférteis (BARDWICK, 1981). Na sociedade atual, o casal que não inclui em seus planos o projeto parental, apesar de ainda ser questionado, tem mais liberdade acerca de sua decisão.

Observa-se ainda, que a sociedade influencia de modo significativo na decisão de ter ou não ter filhos. A maioria dos entrevistados mencionou que amigos próximos que possuem filhos pontuam com frequência as dificuldades inerentes à parentalidade, sendo que esse aspecto acaba contribuindo negativamente para que percebam a chegada de uma criança como um peso.

“[...] sempre recebíamos conselhos dos amigos: curtam a vida de vocês, curtam a vida de casado sem filhos, curtam esse momento só do casal, só depois tenham filhos porque filho traz muita responsabilidade, muita noite mal dormida, muita preocupação.” - (Homem 4, 36 anos).

“Eu acho que ter um filho é um grande desafio, sempre ouvi isso dos amigos que tem filho, porque exige muito do casal. Acho que se eu tivesse um filho hoje eu teria aquele pensamento de trabalhar mais para dar mais para ele.” - (Homem 5, 34 anos).

Percebe-se que o modo romantizado com que a maternidade/paternidade foi, e ainda é consagrada, já não a sustenta mais como um projeto almejado pelos casais atuais. Ao contrário, ter filhos é visto como fonte de extrema sobrecarga. No estudo desenvolvido por Andrade, Martins, Ângelo, Santos e Martini (2014), os autores observaram resultados similares. Dentre as maiores preocupações dos membros dos casais que têm filhos, destaca-se a sobrecarga de trabalho, a diminuição das horas de sono e lazer, aumento das tarefas domésticas, aumento do estresse individual com as responsabilidades e a diminuição do tempo livre para si e para a realização de atividades sociais.

O mesmo dado foi observado na investigação realizada por Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), com quatro mulheres, com o objetivo de entender como elas encaravam a maternidade e a opção de adiá-la ou de não ter filhos. Ter filhos foi referido de forma negativa em decorrência da responsabilidade que a chegada

de uma criança acarreta. As mulheres que não possuíam filhos referiram não sentir inveja do estilo de vida que pessoas que têm filhos levam, em decorrência das renúncias necessárias que uma criança impõe.

3.3 Considerações finais

A relação direta, que durante décadas vinculou sexualidade e procriação, se modificou, o que possibilitou que o projeto parental se tornasse uma opção. Na sociedade atual, o casal decide com maior liberdade se quer ou não ter filho. Atualmente, os casais valorizam o relacionamento conjugal de modo primordial, assim, muitos optam por manter o projeto parental em segundo plano.

Observa-se que diferentes fenômenos podem interferir no relacionamento conjugal. Dentre eles, destaca-se a inclusão de filhos na relação a dois, visto que, o nascimento de um bebê transforma a identidade do casal, redefinindo-a com o intuito de abarcar as funções parentais. A chegada de um filho é marcada por acentuadas mudanças no relacionamento a dois, sendo necessário um período de adaptação. Durante um tempo, as necessidades do bebê são priorizadas, levando o casal a abrir mão das suas próprias necessidades, o que costuma acarretar um declínio na satisfação conjugal.

Além disso, na atualidade, a satisfação das necessidades pessoais são consideradas de modo prioritário. Assim, apesar do desejo de ter filhos, o casal atual posterga este projeto, justificando tal fato com a liberdade para investimento em outros projetos. Atrelado a isso, constatou-se que as responsabilidades acerca dos papéis parentais têm significativa influência no adiamento ou mesmo na decisão de não ter filhos. Assim, parece que a ânsia pela preservação do estilo de vida a dois, e os prazeres vivenciados pelo casal contribuem para o adiamento do projeto de ter filhos. As aspirações por um estilo de vida com menos responsabilidade e compromisso, muitas vezes, colocam a parentalidade em segundo plano.

Desse modo, as responsabilidades e preocupações inerentes à parentalidade direcionam o casal a investir em outros projetos que parecem ser mais satisfatórios do que ter filho. Atrelado a esses fatores, o afastamento que pode ocorrer entre os cônjuges em decorrência das funções parentais, com a

chegada de um filho, é percebido como um possível estresse no relacionamento conjugal.

Apesar de hoje ser mais aceita a opção de os casais em não terem filhos, ainda assim, há uma cobrança muito grande sobre eles, visto que a opção pela não parentalidade interrompe a continuidade geracional. Nesta perspectiva, observa-se que o preconceito acerca da escolha pela não maternidade/paternidade é um fator ainda muito presente no dia a dia de casais que adiam este projeto.

Conclui-se que, na atualidade, o projeto de ter filhos como principal objetivo do casal teve um declínio, haja visto que, casais sem filhos acreditam ter um nível mais elevado de satisfação no relacionamento conjugal. Assim, a maior valorização dos projetos individuais e do tempo que o casal tem para a vivência da conjugalidade conduzem a reflexão acerca de ter ou não ter filhos na contemporaneidade.

Conclusão

A partir do que se discutiu nesta dissertação, constatou-se que o adiamento do projeto parental é influenciado por diferentes fatores. Dentre eles, o individualismo e a busca pela realização pessoal apresentam-se como importantes motivos para a recusa da reprodução e a postergação do projeto de ter filhos. Além disso, a idealização por uma estrutura econômica satisfatória parece ser essencial para a possibilidade de o projeto parental estar incluído nos planos de um casal.

Observou-se, além disso, que ter uma vida profissional ativa também contribui para que o projeto parental seja adiado. Cabe analisar que os participantes desta pesquisa residem em uma grande metrópole e, desse modo, parecem ter uma rede de apoio reduzida. Neste sentido, a dificuldade de conciliar vida profissional e responsabilidades parentais, atrelada à redução do número de indivíduos que poderiam auxiliar nos cuidados demandados por uma criança, mostram-se como significativos fatores para decisão de tardar o projeto de ter filhos. Além disso, outro fator observado como motivador da postergação da parentalidade, em especial no período em que foram coletados os dados deste estudo, foi o aumento do índice de crianças que nasceram com malformação congênita, possivelmente causada pelo vírus Zika.

Cabe apontar que, assim como se constatou a existência de razões que motivam o adiamento do projeto parental, observaram-se outros motivos que influenciam na decisão dos casais atuais de não adiar, ainda mais, o nascimento do primeiro filho. Dentre eles, um importante aspecto é a idade biológica da mulher. Verificou-se, por outro lado, em especial na fala dos homens, que o avanço da idade biológica deles também leva os membros do casal a decidir não postergar o projeto parental, isso porque se acredita que os homens, ao se sentirem mais velhos, parecem considerar que se tornará mais difícil incluir um terceiro elemento na relação a dois.

Constatou-se que o nascimento de um filho costuma ser relacionado, pela sociedade em geral, à perda de autonomia e liberdade. Além disso, as tarefas inerentes aos papéis parentais são percebidas, com frequência, como penosas. A chegada de um bebê, na vida de um casal, envolve uma das mudanças

possivelmente mais significativas na trajetória de um sujeito (Cowan & Cowan, 2016). Apesar de verificar-se que na atualidade os casais desejam ter filhos, observou-se que eles não deixam de analisar as influências negativas que uma criança poderia trazer para o relacionamento conjugal.

Sendo assim, as responsabilidades inerentes aos papéis parentais e o modo como a parentalidade é negativamente referida pela sociedade hoje, conduzem muitos casais a optar por não ter filhos ou postergar esse projeto. Verificou-se que o investimento em outros projetos, como o lazer do casal, parece ser mais satisfatório do que as responsabilidades inerentes à parentalidade. Observou-se, ainda, que a negociação acerca da decisão de ter filhos pelo casal, é favorecida quando pré-estabelecida antes do casamento. Embora os participantes do estudo afirmem estar certos da escolha por tardar a chegada de um filho ou não tê-lo, observaram-se diferentes níveis de ambivalência acerca desta opção. Constatou-se assim, que a decisão de ter filhos hoje é bastante complexa.

Na contemporaneidade, os casais decidem se querem ou não ter filhos com mais liberdade, entretanto, antigas concepções, vinculando parentalidade e realização pessoal, ainda são muito observadas. Nesse sentido, observou-se que a maior parte dos casais ainda é questionada quando opta por não ter filhos. Por outro lado, percebe-se que a sociedade vem passando por intensas transformações. Assim, apesar de os membros do casal ainda sofrerem pressão para que se tornem pais, parece que essa questão vem se modificando, tornando, desse modo, a opção pela não parentalidade um pouco mais aceita.

Por meio deste trabalho, evidenciou-se que na atualidade os membros do casal valorizam o relacionamento conjugal de modo primordial. Assim, muitos optam por manter o projeto parental como uma segunda opção. Além disso, percebeu-se que a tentativa de preservação do estilo de vida a dois, e os prazeres vivenciados nos momentos de lazer do casal contribuem significativamente pela opção dos casais em postergar o projeto parental. Nesse sentido, conclui-se que o projeto de ter filhos como principal objetivo do casal teve um declínio, isso porque talvez os casais atuais valorizem de maneira significativa seus projetos individuais, conforme já mencionado.

Outro fator que parece contribuir para o aumento do número de casais que optam por adiar o projeto parental ou escolhem não ter filhos, é a crença de que uma criança poderia influenciar negativamente o vínculo conjugal. Cabe observar

que toda escolha pressupõe certa reflexão acerca das suas consequências. Nesse sentido, a decisão de ter um filho, que é um compromisso de longo prazo (BADINTER, 2010), tende a costumadamente gerar análises. Parece que, quanto maior foi se tornando a liberdade de decisão acerca do projeto parental, maior se tornou a responsabilidade sobre esta escolha.

Por fim, cabe salientar a limitação teórica deste estudo, na medida em que se encontrou uma carência de pesquisas nacionais abordando o adiamento do projeto parental na perspectiva do casal. A maior parte dos estudos brasileiros investiga o adiamento da maternidade, ou seja, discute em especial a perspectiva da mulher sobre essa questão. Constatou-se que existem poucas pesquisas explorando a percepção masculina acerca do adiamento e o desejo de ser pai (HADLEY & HANLEY, 2011). Com isso, sugere-se que novos estudos enfatizando a perspectiva do casal possam ser desenvolvidos. Outra limitação importante desta pesquisa se refere ao tamanho da amostra. Com isso, sugere-se que novos estudos a serem desenvolvidos possam ampliar o número de participantes.

Em suma, verificou-se que o desejo de ter filhos permanece presente na contemporaneidade, contudo, o projeto parental é cada vez mais uma segunda opção aos casais que buscam investir em outros projetos primordialmente. O adiamento da parentalidade parece se relacionar com a busca por outros ideais considerados mais satisfatórios, do que as responsabilidades inerentes aos papéis parentais. Conclui-se, desse modo, que a decisão de ter filhos ou de quando tê-los envolve conflitos e questionamentos pessoais em decorrência dos sentimentos ambíguos que esse projeto tende a mobilizar.

Referências bibliográficas

ANDRADE, L., MARTINS, M. M., ÂNGELO, M., SANTOS, A. T. & MARTINI, J. G. Identificação dos efeitos dos filhos nas relações familiares. **Acta Paulista de Enfermagem**, vol.27, n.4, p. 385-391, 2014.

ANTON, I. L. C. **A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ATWOOD, J. D. Couples and money: the last taboo. **The American Journal of Family Therapy**, vol.40, n.1, p.1-19, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BADINTER, E. **O conflito, a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARDWICK, J. M. **Mulher, sociedade, transição: como o feminino, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas**. São Paulo: DIFEL, 1981.

BARBOSA, P. Z. ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, vol.19, n.1, p.163-185, 2007.

BARBOSA, M. A. M.; BALIEIRO, M. M. F. G.; PETTENGILL, M. A. M. Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. **Texto & Contexto - Enfermagem**, vol.21, n.1, p. 194-199, 2012.

BARBIERO, E. B. BAUMKARTEN, S. T. Somos pais, e agora?: A história de nós dois depois dos filhos. **Pensando famílias**, vol.19, n.1, p.32-45, 2015.

BATESON, Gregory. Comunicación. In WINKIN, Yves (org.). **La nueva comunicación**. Madrid: Kairós, 1996.

BIROLI, F. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

BLACKSTONE, A. STEWART, M. D. Choosing to be childfree: research on the decision not to parent. **Sociology School Faculty Scholarship**. v.5, p. 1-10, 2012.

BORGES, C. C. MAGALHÃES, A. S. Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, vol.30, n.2, p.177-185, 2013.

BORGES, C. C. MAGALHÃES, A. S. FÉRES-CARNEIRO, T. Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol.66, n.3, p. 89-103, 2014.

BORELLI, V. “É impossível não comunicar”: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação. **Diálogos possíveis**, vol.4, n.2, p. 71-84, 2005.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, vol.29, n.64, p. 31-39, 2011.

BRADT, J. O. Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In B. CARTER e M. MCGOLDRICK. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007. p. 206-222.

BYDLOWSKI, M. **Je rêve un enfant: l'expérience intérieure de la maternité**. Paris: Odile Jacob, 2010.

CAETANO, C. MARTINS, M. S.; MOTTA, R. C. Família contemporânea: estudo de casais sem filhos por opção. **Pensando Famílias**, vol.20, n.1, p. 43-56, 2016.

CARVALHO, A. M. A., FRANCO, A. L. S., COSTA, L. A. F. & OIWA, N. N. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. In M. G. CASTRO, A.M.A. CARVALHO; MOREIRA, L.V.C. (Orgs.), **Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 63-110.

CARVALHO, R. L. S.; PESSANHA, L. D. R. Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro. **Sociais e Humanas**, vol. 26, n. 3, p. 622-637, 2013.

CASTRO, M. G., CARVALHO, A. M. A., CAVALCANTI, V. R. S. et al. Gênero e família em mudança: uma revisão com foco em cuidado parental. In M. G. CASTRO, A. M. A. CARVALHO; MOREIRA, L. V. C. (Orgs.), **Dinâmica familiar do cuidado: afetos, imaginário e envolvimento dos pais na atenção aos filhos**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 13-32.

CARMICHAEL, G. A., & WHITTAKER, A. Choice and circumstance: Qualitative insights into contemporary childlessness. **Australia. European Journal of Population**, vol.23, p. 111-143, 2007.

CARROLL, S. J. HILL, E. J. YORGASON, J. B. LARSON, J. H. SANDBERG, J. G. Couple communication as a mediator between work-family conflict and marital satisfaction. **Contemp Fam Ther**, vol.35, p. 530-545, 2013.

CHATEL, M. M. **Mal estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, vol.9, n.17, p. 235-248, 2005.

CONNIDIS, I. A. & MCMULLIN, J. A. Permanent childlessness: perceived advantages and disadvantages among older persons, **Canadian Journal on Aging**, vol.18, n.4, p. 447-465, 1999.

COWAN, P. A. & COWAN, C. P. Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e o desenvolvimento sadio dos filhos. In F. WALSH, (Org.). **Processos normativos da família: diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 428-451.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**, vol.17, n.1, p. 28-40, 2013.

DINIZ, D. 2016. Vírus Zika e mulheres. **Caderno de Saúde Pública**, vol.32, n.5, p. 1-4, 2016.

DINIZ, G. O casamento contemporâneo em revista. In FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 135-156.

DYKSTRA, P. A. & HAGESTAD, G. O. Developing a nuanced view of older adults without children. **Journal of Family Issues**, vol.28, n.10, p. 1275-1310, 2007.

DON, B. P. & MICKELSON, K. D. Relationship satisfaction trajectories across the transition to parenthood among low-risk parents. **Journal of Marriage and Family**, vol.76, p. 677-692, 2014.

DOSS, D. B. RHOADES, G. K. STANLEY, M. MARKMAN, H. J. The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an eight-year prospective study. **J Pers Soc Psychol**, vol.96, n.3, p. 601-619, 2009.

DRIVER, J. TABARES, A. SHAPIRO, A. F. & GOTTMAN, J. M. Interação do casal em casamentos com altos e baixos níveis de satisfação. In F. WALSH, (Org.) **Processos normativos da família: diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 57-77.

EITHNE, M.; AKERS, K. “Quem fica com os gatos... Você ou eu?” Análise sobre a guarda e o direito de visita. Questões relativas aos animais de estimação após o divórcio ou a separação. **Revista Brasileira de Direito Animal**, vol.6, n.9, p. 2011.

FARINATI, D.M.; RIGONI, M.S.; MÜLLER, M.C. Infertilidade: um novo campo da Psicologia da saúde. **Estudos de Psicologia**, vol.23, n.4, p. 433-439, 2006.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: Um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In T. FÉRES-CARNEIRO (org.), **Casal e família: Permanências e rupturas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2010. p. 83-107.

FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A.S. Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. FÉRES-CARNEIRO (Org.), **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. p. 111-121.

FINCO, D. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. Pro-Posições**, vol.14, n.3, p. 89-101, 2003.

FIDELIS, D. Q. MOSMANN, C. P. A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima de 45 anos. **Aletheia**, vol.42, p.122-135, 2013.

FILHO, C. M. O silêncio na sala: sobre o declínio da comunicação na vivência conjugal. **Comunicação, mídia e consumo**, vol.13, n.8, p. 95-127, 2006.

FLECK, A. C.; FALCKE, D.; HACKNER, I. T. Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família. In A. WAGNER (Org.), **Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 107-122.

GIUMELLI, R. D.; SANTOS, M. C. P. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol.22, n.1, p. 49-58, 2016.

GREEN, R. F.; DEVINE, O.; CRIDER, K. S.; OLNEY, R. S. ARCHER, N.; OLSHAN, A. F. Association of paternal age and risk for major congenital anomalies from the national birth defects prevention study, 1997–2004. **Ann Epidemiol**, vol.20, n.3, p. 241-249, 2010.

GOMES, A. P. Famílias Heroínas - enfrentar a adversidade de ter um filho diferente. **Cadernos de Estudo**, vol.5, p. 15-25, 2007.

GOMES, A. G.; PICCININI, C. A. Malformação no bebê e maternidade: aspectos teóricos e clínicos. **Psicologia Clínica**, vol.22, n.1, p. 15-38, 2010.

GÓES, F. A. B. Um encontro inesperado: os pais e seu filho com deficiência mental. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol.26, n.3, p. 450-461, 2006.

GONÇALVES, J. Avaliação do casal infértil. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, vol. 21, n. 5, p. 493-503, 2005.

HANSEN, T. Parenthood and happiness: a review of folk theories versus empirical evidence. **Social Indicators Research**, vol.108, n.1, p. 29-64, 2012.

HADLEY, R., & HANLEY, T. Involuntarily childless men and the desire for fatherhood. **Journal of Reproductive and Infant Psychology**, vol.29, n.1, p. 56-68, 2011.

HEIDEN, J.; SANTOS, W. Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para idosos. **Àgora, revista de iniciação científica**, vol.16, n.2, p. 487-496, 2009.

HERNANDEZ, J. A. E. & HUTZ, C. S. Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional. **PSICO**, vol.40, n.4, p. 414-421, 2009.

HINTZ, H. C. & BAGINSKI, P. H. Vínculo conjugal e transição para a parentalidade: fragilidades e possíveis superações. **Revista Brasileira de Terapia de Família**, vol.4, n.1, p. 10-22, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: Estudos & Pesquisas, 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: Estudos & Pesquisas, 2013.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol.30, n.2, p. 262-275, 2010.

KAËS, R. O sujeito da herança. In KAËS, R. FAIMBERG, H. et al. (Orgs.), **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 9-25.

KONIK, K. The relation between couple communication and work-family conflict. **Honors Projects**, vol.50, p. 1-37, 2014.

KLUWER, E. S. & JOHNSON, M. D. Conflict frequency and relationship quality across the transition to parenthood. **Journal of Marriage and Family**, vol.69, p. 1089-1106, 2007.

LEITÃO, D. O. & RIBEIRO, M. A. Filhos: ter ou não ter? O que influencia esta decisão? **Pensando Famílias**, vol.11, n.2, p. 47-67, 2007.

LIMA, M. G. R. **Filhos? Só depois!:** um retrato da mulher contemporânea. São Paulo: Zagodoni, 2013.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em psicologia**, vol.22, n.4, p. 917-928, 2014.

LYRA, J., LEÃO, L. S., LIMA, D. C., TARGINO, P., CRISÓSTOMO, A., SANTOS, B. (2015). Homens e cuidado: uma outra família? In A. R. Acosta, M. A. F. Vitale (Orgs.) **Família, redes, laços e políticas públicas**. 6ª.ed. São Paulo: Cortez, 2015. p. 91-106.

MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S. Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. **Pensando Famílias**, vol. 18, n. 1, p. 78-91, 2014.

MALDONADO, M. T & DICKSTEIN, J. **Nós estamos grávidos**. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

MAGALHÃES, S. A. Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e Família: permanências e rupturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009. p. 205-217.

MAGALHÃES, A. S. & FÉRES-CARNEIRO, T. Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, vol.10, n.6, p. 243-255, 2004.

MARQUES, C., & TORRES, A. “Não há ideais de pais, falhamos sempre”: dilemas da parentalidade no início do século XXI. Artigo apresentado no **X Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Braga, vol. 4, p. 112-126, 2009.

MALUF, V. **Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea**. São Paulo: Atheneu, 2012.

MCGOLDRICK, M. & SHIBUSAWA, T. O ciclo vital familiar. In F. WALSH, **Processos normativos da família: diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 375-398.

MENEZES, C. C. & LOPES, R. C. S. Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. **PsicoUSF**, vol.12, v.1, p. 83-93, 2007.

MITNICK, D. M., HEYMAN, R. E., & SLEP, A. M. S. Changes in relationship satisfaction across the transition to parenthood: a meta-analysis. **Journal of Family Psychology**, vol.23, n.6, p. 848-852, 2009.

MILLER, B. C., & SOLLIE, D. L. Normal stresses during the transition to parenthood. **Family Relations**, vol.29, p. 459-465, 1980.

MOSMANN, C. P., WAGNER, A., & FÉRES-CARNEIRO, T. Qualidade conjugal: mapeando conceitos. **Paidéia**, vol.16, n.35, p. 315-325, 2006.

MOSMANN, C. P., ZORDAN, E. P. & WAGNER, A. A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In A. WAGNER (Org.). **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 58-71.

MOURA-RAMOS, M. & CANAVARRO, M. C. Adaptação parental ao nascimento de um filho: comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. **Análise Psicológica**, vol.3 (XXV), p. 399-413, 2007.

NASCIMENTO, F.; TÉRZIS, A. Adiamento do projeto parental: um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. **Psicologia em Revista**, vol.16, n.1, p. 103-124, 2010.

NETO, J. A. S. STREY, M. N. & MAGALHÃES, A. S. Sobre as motivações para a conjugalidade. In A. WAGNER (Org.). **Desafios psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 39-57.

NORGREN, M. B. P., SOUZA, R. M., KASLOW, F., HAMMERSCHMIDT, H., & SHARLIN, S. A. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, vol.9, p. 575-584, 2004.

NOMAGUCHI, K. M. Parenthood and psychological well-being: clarifying the role of child age and parent-child relationship quality. **Social Science Research**, vol.41, p. 489-498, 2012.

OLIVEIRA, I. G.; POLETO, M. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. **Revista da SPAGESP**, vol.16, n.2, p. 102-119, 2015.

OSORIO, R. G. Classe, raça e acesso ao Ensino Superior no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 39, n.138, p. 867-880, 2009.

PARK, K. Choosing childlessness: Weber's typology of action and motives of the voluntary childless. **Sociological Inquiry**, vol.75, p. 372-402, 2005.

PASSOS, M. C. A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. **Mental**, vol.5, n.9, p. 117-130, 2007.

PATIAS, N. D. & BAUES, C. S. "Tem que ser uma escolha da mulher"! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicologia e Sociedade**, vol.24, n.2, p. 300-306, 2012.

POLLMANN-SCHULT, M. Parenthood and life satisfaction: why don't children make people happy?. **Journal of Marriage and Family**, vol.76, p. 319-336, 2014.

PRADO, L. C. O bebê inaugura a família: a terapia pais-bebês. In L. C. O. PRADO (Org.). **Famílias e terapeutas construindo caminhos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. P.97-130.

PUGET, J. BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

QUISSINI, C. & COELHO, L. R. M. A influência das famílias de origem nas relações conjugais. **Pensando Famílias**, vol.18, n.2, p. 34-47, 2014.

REICHERT, C. B. Educar para a autonomia: desafios e perspectivas. In A. WAGNER, (Org.), **Desafios psicossociais da família contemporânea: reflexões e pesquisas**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 89-98.

REHBEIN, M. P. & CHATELARD, D. S. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Rev. Psicol.**, vol.25, n.3, p. 563-584, 2013.

RIOS, M. G. & GOMES, I. C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, vol.26, n.2, p. 215-225, 2009a.

_____. Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. **Psicol. estud.**, vol.14, n.2, p. 311-319, 2009b.

RIBEIRO, M. **Infertilidade e reprodução assistida: desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ROCHA-COUTINHO, M. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M. A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. In T. FÉRES-CARNEIRO (Org.) **Casal e família: transmissão, conflito e violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p.13-33.

_____. Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero. In T. FÉRES-CARNEIRO (Org.) **Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Prospectiva, 2015. p. 103-118.

ROSADO, J. S. & WAGNER, A. Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura. **Pensando Famílias**, vol.19, n.2, p. 21-33, 2015.

SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, vol.26, n.3, p. 525-532, 2010.

SILVA, I. M.; FRIZZO, G. B. Ter ou não ter? Uma revisão da literatura sobre casais sem filhos por opção. **Pensando famílias**, vol. 18, n. 2, 2014.

SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SOHNE, L. C. & WENDLING, M. I. O significado de família para casais que optam por não ter filhos. **Pensando Famílias**, vol.15, n.1, p. 117-137, 2011.

SOLIS-PONTON, L. A construção da parentalidade. In: SOLIS-PONTON, L. (Org.). **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29-40.

SOMERS, M. D. A comparison of voluntarily childfree adults and parents. **Journal of Marriage and the Family**, vol.55, p. 643-650, 1993.

STANCA, L. Suffer the little children: measuring the effects of parenthood on well-being worldwide. **Journal of Economic Behavior & Organization**, vol.81, p. 742-750, 2012.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, F.; FÉRES-CARNEIRO, T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo Psicanalítico**, vol.45, n.1, p. 111-121, 2013.

TRINDADE, Z. A. & ENUMO, S. R. F. Triste e incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil. **Psicologia USP**, vol.13, n.2, p. 151-182, 2002.

TRILLINGSGAARD, T.; BAUCOM, K. J. W. & HEYMAN, R. E. Predictors of change in relationship satisfaction during the transition to parenthood. **Family Relations**, vol.63, p. 667-679, 2014.

TWENGE, J., CAMPBELL, W. K. & FOSTER, C. A. Parenthood and marital satisfaction: a meta-analytic review. **Journal of Marriage and Family**, vol.65, n.3, p. 574-598, 2003.

UMBERSON, D., PUDROVSKA, T., & RECZEK, C. Parenthood, childlessness, and well-being: a life course perspective. **Journal of Marriage and Family**, vol. 72, p. 612-629, 2010.

VAILATI, N. **Casais sem filhos: as repercussões individuais e na relação conjugal**. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

VIEIRA, E.D.; STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na pós-modernidade. **Aletheia**, vol. 32, p. 147-160, 2010.

WALSH, F. Human-animal bonds: II. The role of pets in family systems and family therapy. **Family Process**, vol.48, p.481-499, 2009.

WATZLAWICK, P. BEAVIN, J. H. & JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WAGNER, A. A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente as demandas modernas. In T. FÉRES-CARNEIRO, (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003. p. 27-33.

WHITAKER A. **Dançando com a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZANETTI, S. A. S.; GOMES, I. C. Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. **Est. Inter. Psicol.**, vol.3, n.1, p. 57-74, 2012.

ZORNIG, S. Construção da parentalidade: da infância dos pais ao nascimento do filho. In C. PICCININI, P. ALVARENGA (Org.) **Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p.17-34.

ZHU, J. L.; MADSEN, K. M.; VESTERGAARD, M.; OLESEN, A. V.; BASSO, O. & OLSEN, J. Paternal age and congenital malformations. **Human Reproduction**, vol.20, n.11 p. 3173-3177, 2005

ZORNIG, S. M. A. J. Transmissão psíquica: Uma via de mão dupla?. In T. FÉRES-CARNEIRO (Org.), **Casal e família: Permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 25-39.

Anexos

Anexo I

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
 Pesquisa: Adiamento do projeto parental: repercussões na conjugalidade
 Pesquisadora responsável: Denise Bernardi
 Contato: denise_psicologia@yahoo.com.br/Tel: 99202-1441.Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro (teferca@puc-rio.br/Tel: 99111-0180)

Com este trabalho de pesquisa tem-se como objetivo investigar as questões relativas ao projeto parental do casal na atualidade, com o intuito de explorar e discutir as mudanças nesta área, e os possíveis conflitos e dificuldades vivenciados pelo casal que adia este projeto.

Ressaltamos que a sua participação na pesquisa é voluntária, não lhe causará nenhum dano e você estará contribuindo para o estudo e aprofundamento sobre as nuances da conjugalidade e do projeto parental. Você está livre para interromper a entrevista quando assim desejar e para fazer as perguntas que julgar necessárias.

Este formulário foi elaborado em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e a outra com você, dando seu consentimento para participar desta pesquisa. Todas as informações têm caráter confidencial e sua identidade será mantida em sigilo.

Caso você tenha interesse em saber os resultados da investigação, poderá fazer contato com a pesquisadora responsável.

Eu, _____, fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Rio de Janeiro, ____/____/____.

Anexo II

Roteiro semiestruturado para entrevista

Pergunta Disparadora:

Você deseja ter filhos? Seu/sua companheiro (a) compartilha deste desejo?

Demais perguntas que nortearam a entrevista:

- O que é família para você?
- Para você, o que a família representa?
- O que seria para você ser pai/mãe?
- Por que você e seu/sua parceiro (a) não tiveram filhos?
- Existe uma perspectiva futura entre você e seu/sua companheiro (a) sobre o projeto de ter filhos?
- Os familiares/ amigos questionam se vocês terão filhos?
- Existe um momento ideal para ter filhos?
- Como seria a chegada de um filho hoje?
- Gostaria de falar mais alguma coisa...